

10 HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

A Primeira Epístola de
JOÃO

Harvey J. S. Blaney

Introdução

A. Prescrição

A Primeira Epístola de João não é uma carta no mesmo sentido da epístola aos Hebreus ou das epístolas de Pedro e Tiago. Ela também não é uma carta no estilo das epístolas de Paulo. Ela tem sido entendida como um ensaio, tratado ou sermão. Embora seja difícil defini-la, ela tem todas as marcas da obra de um pastor cujo propósito era a edificação do seu povo na fé. Outras porções do Novo Testamento têm esse mesmo propósito, mas essa epístola se sobressai. Suas distinções não estão baseadas no seu propósito ou seu estilo de escrita, nem no seu conteúdo, mas na intensa paixão de um pastor. A familiaridade íntima de João com seus leitores tornou desnecessária qualquer saudação ou referência pessoal e seu amor fervoroso, que é evidente em toda parte, o tornou ousado, mesmo áspero, em sua forma de se expressar. "O espírito de [...] João é um espírito imponente; sentimos que ele quase fica aflito pela grandiosidade dos pensamentos dessa epístola, que são como música celestial aos ouvidos do leitor".[1]

Nenhum outro livro da Bíblia trata de tantas doutrinas de forma tão concisa e tão adequada. Tratando desde o pecado e sua confissão, passando pela expiação e purificação e chegando à vida de santidade cristã, o autor apresenta as reivindicações do evangelho de forma tão clara que "os viajantes, mesmo sendo insensatos, não poderão se desviar nesses assuntos". No entanto, não é doutrina para formar um sistema de teologia, mas doutrinas como base para a comunhão com Deus e uma vida de amor perfeito. A teologia se torna viva aos filhos de Deus. O autor foi o último escritor do Novo Testamento e, nessa epístola, derramou a essência de uma vida de comunhão com o seu Senhor ressuscitado e seu conhecimento profundo dos outros livros do Novo Testamento. Sem dúvida, sua memória lhe foi útil — ele tinha *visto* e *ouvido* e *lidado* com "a Palavra da vida" — mas foi a memória elevada ao nível da percepção espiritual e revivida no domínio do Espírito.

"Na avaliação de algumas mentes profundamente espirituais, a primeira epístola de João ocupa o lugar mais elevado nos escritos inspirados que constituem a Bíblia".[2] John Wesley a chamou de "a parte mais profunda das Escrituras Sagradas". Robert Law percebeu nessa epístola três testes de vida: o teste teológico, ou seja, se acreditamos que Jesus é o Filho de Deus; o teste moral, se vivemos vida justa; e o teste social, se amamos uns aos outros.[3] Essa epístola busca tornar real na vida dos crentes a oração de Jesus em João 17.15: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal".

B. A Epístola e o Evangelho de João

Mesmo o leitor casual deve estar ciente de que as idéias dessa epístola e do evangelho de João, bem como sua maneira de expressão, são similares. O Dr. James Moulton diz que ninguém, mesmo que tenha uma vaga compreensão de estilo, separaria as epístolas de João do quarto evangelho.[4] Para B. F. Westcott, a epístola "está intimamente conectada com o quarto evangelho no que tange ao vocabulário, estilo, pensamento e

escopo; por isso, esses dois livros só podem ser considerados obras do mesmo autor".[5] William Alexander diz: "Os dois documentos não só são semelhantes em pensamento, mas interpenetram-se mutuamente; assim, a epístola está constantemente *propondo* perguntas que somente o evangelho pode responder".[6]

A grande semelhança entre os dois livros pode ser vista na comparação de algumas passagens paralelas (em que a referência à epístola é colocada primeiro em cada par): 1.1 e 1.1; 1.2 e 3.2; 1.2 e 1.1; 1.6 e 8.12; 2.3 e 14.15; 2.5 e 14.21; 2.6 e 15.5; 2.8 e 13.34; 2.25 e 17.2. Comparações mais completas são apresentadas por Hayes[7] e Stott[8] para aqueles que desejam estudar esse assunto de forma mais abrangente.

C. Autoria e Data

Essas semelhanças, no entanto, de forma alguma garantem unidade de autoria. A epístola tem compartilhado da prolongada discussão acerca da autoria do quarto evangelho e dos resultados incertos acerca dessa discussão entre os estudiosos modernos. Até o século XVI, ninguém parecia duvidar que a primeira epístola e o evangelho eram do mesmo autor.

Os argumentos a favor do ponto de vista tradicional apresentados por A. E. Brooke têm se tornado mais ou menos normativos.[9] C. H. Dodd apresenta um ponto de vista oposto.[10] Os dois homens concordam que as idéias dos dois escritos bem como a sua forma de expressão são semelhantes. Brooke conclui que é impossível provar uma autoria comum em contraste com a imitação ou semelhança produzidas pela formação comum na mesma escola de pensamento. Mas ele não encontra razões adequadas para descartar a visão tradicional que atribui a epístola e o evangelho ao mesmo autor — ela continua sendo a explicação mais provável dos fatos.

Por outro lado, Dodd acredita poder encontrar evidências de diferenças na autoria dos dois livros ao mostrar divergências de pensamento na epístola. Ele apresenta três aspectos em que a epístola parece estar mais próxima da crença cristã popular do que o evangelho: na escatologia, no significado ligado à morte de Cristo e na doutrina do Espírito Santo. Ele apresenta suas respostas em forma de dúvidas e impressões e conclui que a epístola foi escrita por um discípulo do autor do quarto evangelho e um estudante diligente da sua obra.

Esses dois grandes teólogos apresentam posições inconclusas de todas as suas evidências disponíveis. Nossa tendência então é concluir que o valor principal não deve ser encontrado na *autoria* desses dois livros. Também estamos propensos a concordar com a posição tradicional de um único autor. Uma visão semelhante é expressa por David Smith, que cita J. B. Lightfoot para apoiar o seu argumento. Ele diz: "Sem dúvida, a epístola e o evangelho vêm da mesma pena. 'A identidade de autoria nos dois livros [...] embora não incontestada, é aceita com um grau de unanimidade tão elevado que ela deveria ser posicionada na categoria de fato reconhecido' "[11].

A argumentação necessária para estabelecer o discípulo João como o autor único desses dois livros, mesmo sobre uma base provável, foge do espaço permitido aqui. Todo o problema foi examinado minuciosamente em minha introdução ao evangelho de João no *The Wesleyan Bible Commentary*.[12] A conclusão é que nenhuma evidência tem

desalojado de maneira bem-sucedida o apóstolo João do seu lugar tradicional como o autor, e há pouca evidência nova para continuar essa discussão. João continua estabelecido firmemente como o autor tanto do evangelho como da epístola. A epístola de 1 João quase certamente foi escrita num época próxima da do evangelho. Ela provavelmente foi escrita mais tarde e pode ser datada no meio da última década do primeiro século, em torno de 95 d.C.

D. Características

João era um homem de discernimento aguçado. Ele olhou para cada situação e cada verdade como de uma grande altura, onde apenas as distinções principais são vistas e importantes rachaduras são percebidas. Ele tem uma visão de perspectiva, a percepção de coisas fundamentais. Por exemplo, ele traça uma linha entre o mundo e a Igreja, entre os filhos de Satanás e os filhos de Deus. No entanto, ele não diz que todos os pecadores são igualmente pecaminosos — o pecado varia desde o pensamento mundano até o pecado para a morte. Semelhantemente, ele vê a vida cristã como a vida de amor perfeito. No entanto, alguns cristãos estão na berlinda, enquanto outros são verdadeiramente habitados pelo Espírito de Deus.

João não é desatencioso com as nuanças mais sutis da verdade quando deixa de lidar com elas. Ao tratar de questões que, quando resolvidas, incorporarão outros assuntos menos importantes, ele revela uma proximidade com a mente de Cristo e é quase inesgotável em suas implicações.

Essa epístola é marcada por contrastes — luz e trevas, vida e morte, santo e pecador, amor e ódio, Cristo e Anticristo.

A primeira epístola de João é um dos livros do Novo Testamento mais difíceis para análise. Se o autor tinha um plano organizado ao escrever, era um plano de sentimento interior e pensamento harmonioso em vez de uma organização formal. A epístola é uma obra de arte que revela sua forma somente por meio da reação daquele que a estuda, e isso deu origem a uma variedade de esboços. As transições de um assunto para outro não são claras, mas são como as "mudanças de cenas sucessivas e sobrepostas", como o panorama crescente de um pôr-do-sol que enriquece a imaginação e enche a alma do observador com riquezas espirituais e contentamento.

O Comentário Moffat do Novo Testamento organizou a epístola em torno de três tópicos: "O que é cristianismo?" (1.5—2.28), "Vida na família de Deus" (2.29—4.12) e "A certeza da fé" (4.13—5.13). A *Bíblia Cambridge para Escolas e Faculdades* destaca dois tópicos principais: "Deus é luz" (1.5—2.28) e "Deus é amor" (2.29—5.12). Robert Law encontrou nessa epístola vários *Testes de Vida*. Alguns comentaristas não procuram traçar um esboço para a epístola. O sumário é oferecido somente como um conjunto de impressões convenientes em torno do qual é elaborado o comentário.

Esboço

I. Introdução, 1.1-4

II. Fundamentos do Evangelho, 1.5—2.29

A. A Mensagem de Vida — Deus é Luz, 1.5-7
B. Do Pecado para a Vida, 1.8-10
C. Para que Não Pequeis, 2.1,2
D. O Teste da Obediência, 2.3-6
E. O Teste da Vida, 2.7,8
F. O Teste do Amor, 2.9-11
G. Filhinhos, Pais, Jovens, 2.12-14
H. Amor do Mundo, 2.15-17
I. O Mundo Passa, 2.18-26
J. Permanecendo em Cristo, 2.27-29

III. O Caráter dos Filhos de Deus, 3.1-24

A. Os Filhos de Deus, 3.1-3
B. Uma Definição de Pecado, 3.4-6
C. Filhos de Deus Versus Filhos do Diabo, 3.7,8
D. Impecabilidade, 3.9-12
E. Amor e Ódio, 3.13-17
F. O Amor Revelado em Ação, 3.18-24

IV. A Fonte de Filiação, 4.1—5.12

A. Verdade e Erro, 4.1-6
B. O Amor é de Deus, 4.7-12
C. Deus é Amor, 4.13-21
D. A Fé é a Vitória, 5.1-5
E. A Vida Eterna, 5.6-12

V. Conclusão, 5.13-21

A. O Motivo de Confiança, 5.13-17
B. O Conhecimento Espiritual, 5.18-21

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

1 João 1.1-4

Esse parágrafo introdutório da epístola é excessivamente complexo quanto à sua estrutura e, como conseqüência, não revela prontamente o sentido pretendido do autor. Tem-se a impressão de que o autor estava tão "absorto no seu assunto", tão impressionado com a verdade que buscava expressar, que seus pensamentos tornaram-se "amontoados" e sua expressão complicada. Essa não é a característica do estilo de João.

O sujeito da primeira sentença é "nós" (v. 1; sujeito oculto na língua portuguesa), um "nós editorial" que é usado repetidas vezes na epístola. João se refere aqui aos primeiros ministros do evangelho, sendo que ele era provavelmente aquele que havia sobrevivido mais tempo. O verbo é **anunciamos** (3) e o objeto é a **Palavra da vida** (1). Portanto, o autor está dizendo: "Nós anunciamos a vocês a Palavra da vida".

As quatro frases dependentes do versículo 1 são descritivas do objeto: **O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram**, é idêntico em significado à **Palavra da vida**. A sentença intercalada do versículo 2 também fala do mesmo assunto. Essa é a **P**alavra (*Logos*) da introdução do evangelho de João e, é claro, refere-se a Jesus.

Mas essa análise está apenas parcialmente correta. Não é exatamente a **Palavra** que João declara, mas algo acerca (*peri*) da **Palavra**. Esse fato é confirmado no versículo 2, em que é **a vida** que fez sua aparição e João a viu e estava testificando dela. E assim, mais precisamente, o objeto da declaração de João é a **vida,** que era possessão do Logos e emanava dele. Uma outra evidência disso é encontrada no pronome neutro, **o que**,

usado quatro vezes no versículo 1. No evangelho de João, tanto a vida quanto a luz estão no Logos. "Aqui, quando o autor diz que a Vida estava com Deus e se manifestou a nós, não precisamos supor que ele quer dizer qualquer coisa substancialmente diferente do que é dito no Prólogo do quarto evangelho".[1]

Seria inteiramente apropriado dizer que João estava escrevendo o que era conhecido — o que havia sido revelado — acerca de Cristo. Em outras palavras, ele estava anunciando o evangelho de Cristo. O evangelho era a revelação "que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus" e que aqueles que cressem teriam "vida em seu nome" (Jo 20.31). Ele não estava escrevendo uma cristologia completa, mas tinha algo muito importante a dizer a respeito da vida que está em Cristo e que Ele concede aos seus seguidores.

Com base nisso, o ouvir, o ver e o tocar **da Palavra da vida** eram mais do que a identificação de Jesus por parte de uma testemunha ocular. Era a maneira antropomórfica de João de também proclamar que ele e os outros discípulos — mesmo a Igreja toda — tinham reconhecido em Jesus a vida eterna da Divindade. Ele, portanto, procurou combater a noção *docética* de que Jesus era aparente ou ilusório e não real. Mas seu alvo principal não era polêmico; era teológico e devocional.

Tanto a **Palavra da vida** quanto o evangelho que João pregou eram **desde o princípio** (1), antes da criação e da Encarnação. João tinha **contemplado** Cristo no sentido mais profundo do termo — ele tinha ouvido seus sermões e ensinamentos, mas também tinha ouvido sua mensagem de **vida eterna** (2). Ele havia "visto" Cristo como homem mas também tinha visto quem Ele era — o Filho de Deus. Essa visão — e percepção — pode vir a nós de maneira involuntária como resultado de circunstâncias evidenciais. Mas João o contemplou e "isso implica uma visão deliberada e talvez prazerosa".[2] O "toque" lembra o pedido de Tomé de uma evidência sensorial da realidade do corpo ressurreto de Cristo e, portanto, torna-se uma referência ao fato da ressurreição.

A frase intercalada do versículo 2 é uma repetição revisada daquilo que a precedeu. A ênfase está na **vida**, e essa vida somente podia ser conhecida porque **foi manifestada**. Nenhuma pessoa por meio da busca pode encontrá-la; ela pode ser vista e conhecida somente pela revelação. A **vida** que era **desde o princípio** também estava **com o Pai**. E ela é **vida eterna**. Não é apropriado comparar essa vida unicamente à vida perpétua, porque "eterna" (*aionion*) é algo qualitativo em vez de quantitativo. "Ela só pode significar 'fazer parte da época' da qual o autor está falando ou pensando. Assim, esse termo está relacionado às características daquela época. Se a 'era vindoura' é 'supra-temporal', então *aionios* significa que o sujeito que ele qualifica tem essa característica".[3]

Sempre que João usa o termo "vida", ele tem essa qualidade eterna implícita em seu significado. Isso é ilustrado pela designação de Jesus como "o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6) e pela sua declaração: "Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância" (Jo 10.10). Essa **vida foi manifestada** por Cristo para a redenção do homem. Ela é uma qualidade de vida que Cristo possuía e que Ele concede a todo aquele que nele crê. É essa vida que distingue os "filhos de Deus" do "mundo" (3.1). A mensagem da epístola diz respeito a essa vida, e João segue o caminho do seu Mestre ao proclamá-la. Ele falou dessa vida que ele mesmo compartilhou em comunhão com Deus, **o Pai e com seu Filho Jesus Cristo** (3). Ele escreveu da forma como havia pregado, para que seus leitores também pudessem compartilhar dessa comunhão, cujo resultado evidente é a plenitude de gozo.

Esse então é o propósito principal da epístola de João: que tenhamos comunhão com Deus ao compartilhar a vida de Cristo, e que "nosso gozo possa ser completo e possa permanecer assim".[4] Essa comunhão é melhor entendida em termos de vida eterna.

O conceito de João acerca da **vida** também ajuda a entender o significado da ressurreição. Descrever a vida pós-ressurreição de Cristo como uma renovação da vida extraída dele na morte é inadequado, se não impreciso. O corpo que tornou a viver era diferente daquele que foi envolto em lençóis para o sepultamento; esse corpo era um "corpo espiritual" (1 Co 15.44). Mas a vida, da qual estamos falando, não foi tocada pela experiência da crucificação. Essa vida ficou intacta, imaculada e inalterada. Ela passou pelo sepulcro, da mesma maneira que tinha passado pelos rigores da Encarnação, ou seja, imaculada e perfeita. Embora tenhamos dito que **vida eterna** não conota primariamente uma duração sem fim, também devemos dizer que sua qualidade é uma qualidade de sobrevivência que, em termos temporais, é como o próprio Deus, "de eternidade em eternidade". A morte tem um aguilhão e não há nada de prazeroso a ser dito a esse respeito. Mas, esse tipo de vida transcende a vida e a morte da forma como geralmente as conhecemos — transcende-as e as absorve.

Esse é o âmago da mensagem da Páscoa, o fato glorioso da vida eterna, demonstrado na ressurreição. Não é que Cristo voltou à vida mas, sim, que ele ressuscitou da morte. Para o cristão isso significa que a **comunhão** (*koinonia*) que temos com Deus e compartilhamos uns com os outros não pode ser quebrada ou destruída pelo sofrimento e morte. Na verdade, a comunhão da vida é mais significativa quando essas experiências devem ser suportadas.

Comunhão com o Senhor e comunhão com os irmãos constitui a base do nosso **gozo** mais elevado. E nosso **gozo** é cumprido ("nossa alegria seja completa", ARA) por meio da comunhão contínua.

O uso de João do termo **vida** tem algo a dizer acerca da Encarnação. A vida do Filho, o Cristo, que Ele compartilhava com o Pai e que o tornou Filho de Deus, entremeou-se com a humanidade sem perder sua qualidade eterna. O Nascimento Virginal foi a porta de entrada para a humanidade dessa **vida** que João ouviu, viu e tocou em vez da formação de uma nova vida por meio de processos naturais.

SEÇÃO II

FUNDAMENTOS DO EVANGELHO

1 João 1.5—2.29

A. A MENSAGEM DE VIDA — DEUS É LUZ, 1.5-7

Aqui encontramos um dos paradoxos de João. De acordo com o versículo 2, seu assunto era "vida eterna". Agora ele introduz o que parece um novo assunto e diz: **E esta é a mensagem que** [...] **anunciamos: que Deus é luz** (5). Se a consistência é uma virtude, talvez deveríamos procurar uma consistência mais profunda debaixo da superfície ou um tipo mais elevado no pensamento superior do autor. Notamos aqui o hábito de João de abordar seu tema de diversos ângulos. Isso torna a análise mais difícil, mas a recompensa é preciosa. Todos os seus pensamentos são entrelaçados; mas à medida que o apóstolo passa de um pensamento para o outro e de volta para o primeiro, com uma inspiração grandiosa, ele tece um padrão de rara beleza e percepção profunda.

Deus é luz. Esse é o evangelho com sua expressão mais condensada. Uma outra afirmação metafórica condensada, "Deus é amor", aparece em 4.8 e 16. João usou esse tipo de expressão no quarto evangelho: "Deus é espírito" (Jo 4.24, lit.). As três afirmações juntas representam algumas das afirmações mais significativas já feitas acerca da natureza de Deus. "Deus é espírito" — em sua natureza essencial. **Deus é luz** — em sua auto-revelação ao homem. "Deus é amor" — em sua obra de salvação redentora e curadora.

Deus é um Deus revelador. **Luz** é a terceira palavra nesses primeiros versículos da epístola que se refere à natureza reveladora de Deus. A primeira é "Palavra" (*logos*), depois "vida" (*zoe*) e agora "luz" (*phos*). Todas as três palavras também são usadas por João no prólogo do seu evangelho, belamente ligadas nesse versículo: "Nele [o *logos*], estava a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.4). Tanto no evangelho quanto na

epístola, o termo **luz** é colocado em contraste direto com **treva**. Aqui está o propósito da auto-revelação de Deus — que a **treva** seja invadida e desafiada pela **luz**.

Tanto **luz** como **treva** são termos espirituais que denotam as qualidades opostas de santidade e pecado. Deus é Luz, Santidade e Pureza, e é a natureza da luz revelar-se a si mesma. Mas a luz não pode ser revelada a qualquer coisa incapaz de recebê-la. Deus tem se revelado *por meio* do mundo físico mas não *para* ele. A revelação somente pode vir a seres racionais, capazes de fazer uma escolha. Eles podem aceitar ou rejeitar uma certa revelação. "Somente o homem é capaz de ser luz, isto é, ele pode receber a natureza do Logos que emana em sua direção, para que seja conscientemente transformado nela".[1]

Deus se revelou com o propósito de dar sua vida e luz ao homem, para que o caráter do homem possa estar em harmonia com a natureza divina. Nenhuma pessoa tem comunhão com Deus — a comunhão da vida eterna compartilhada — enquanto viver nas trevas. Se uma pessoa afirma ter esse tipo de comunhão, mas vive uma vida não afetada pela luz, ele está se enganando a si mesmo. João declara que esse homem é mentiroso. Não é uma questão de opinião, nem de testemunho, mas da verdade da auto-revelação de Deus. Um homem que escolhe viver na escuridão, não conhece a comunhão com Deus e com seus filhos.

Essa verdade é auto-evidente. **Se andarmos na luz** (7), paramos de andar na escuridão. O resultado é uma vida purificada do pecado e conduzida à comunhão com Deus por meio de Cristo. Isso pode ser tão seguramente conhecido quanto a experiência anterior de caminhar nas trevas. Para João trevas e luz são muito reais. Nossa vida manifestará a mudança, e, ao testificarmos dela, estamos apenas contando a verdade.

Parece lógico para João concluir que temos comunhão *com Deus*. Alguns manuscritos antigos trazem essa tradução, mas a melhor tradução é: **temos comunhão uns com os outros**. Nossa experiência com Deus pode ser testada tendo como base o nosso relacionamento com outros cristãos.

Essa luz de Deus revelada é semelhante ao sol, que dissipa as trevas. Essa figura, no entanto, não se encaixa no pensamento de João. Ele havia dito que "as trevas não a derrotaram" (Jo 1.5, NVI), mas ele nunca diz que a luz derrotou completamente as trevas. O mundo continua nas trevas do pecado e não há promessa que essas trevas serão destruídas enquanto durar o tempo. Analogia melhor é a de um holofote que penetra a escuridão e traça um caminho no meio dela. João fala desse tipo de caminhar na luz, mesmo no meio de trevas circundantes. Mas as trevas não podem derrotar a luz; aquele que anda na luz desfruta da comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo, e de uma união mística com cristãos de todas as eras.

É um erro pensar que tudo que João sugere aqui pode ser obtido em uma única ocasião ou em resposta a uma entrega momentânea e total a Deus. Jesus disse: "Sigam-me". Somente aqueles que começam a seguir e continuam a caminhar na luz podem experimentar os resultados descritos. Isso fala de um caminhar a ser adotado, uma vida a ser vivida, uma comunhão a ser desfrutada e uma purificação a ser experimentada.

Essas observações não militam contra a idéia de que a purificação deveria ser distinta da idéia de perdão. Se, de fato, somos capazes de discernir o pensamento de João até aqui, ele tem tratado do que podemos denominar de "homem interior" em vez da sua conduta exterior, embora isso não esteja excluído. "Essa conexão de pensamento mostra que *katharidzein* não deve ser entendido como o perdão dos pecados passa-

dos, mas de santificação [...] *Pasa hamatia*, cada pecado, é uma expressão abrangente demais para os pecados do passado; ela não significa 'todos os nossos pecados' mas 'tudo que é chamado pecado' "[2].

A expressão **o sangue de Jesus, seu Filho** é a chave para o que João está ressaltando. Ele escreve a pessoas que entendem essa linguagem como uma referência ao golpe de mestre final de Deus no processo redentor. Em termos da auto-revelação de Deus, o sangue de Cristo encerra uma série de verdades preciosas em seu significado. Primeiramente, ele diz que Deus revelou-se no homem Jesus. Em segundo lugar, Deus tornou-se *homem*. Isso significa que Ele não só tomou "a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens" (Fp 2.7), mas também se tornou homem, fundindo sua natureza com a natureza do homem numa maneira nunca antes conhecida. Na criação, o homem foi feito à imagem de Deus. Na redenção, Deus foi feito à imagem do homem. Algo maravilhoso aconteceu à raça humana na Encarnação. Deus revelou-se *na* humanidade bem como *aos* homens. Em terceiro lugar, Deus sofreu pelos pecados do mundo. Deus sofreu em Jesus, porque Jesus era Deus, o Filho.

Isso faz parte do significado de Deus ter se revelado de maneira redentora. Ele revelou-se de forma criativa na natureza, incluindo a criação do homem. Mas de forma redentora, Ele revelou-se principalmente no homem e para o homem. Isso não significa que todos os homens serão, de modo automático, salvos eternamente, do mesmo modo que a imagem de Deus na qual o homem foi inicialmente criado não pôde salvá-lo da Queda. Isso significa que a consciência do homem desde o Calvário é uma consciência cristã, quer obedecida, quer suprimida. Significa que a semelhança de Cristo é o padrão moral mais elevado conhecido pelo homem, embora semelhantemente a Saulo de Tarso ele reme contra a maré. Significa que a Luz "que alumia a todo homem" veio ao mundo.

B. Do Pecado para a Vida, 1.8-10

O versículo 8 repete o pensamento do versículo 6 e o expande. **Se dissermos que não temos pecado** (8) estamos fazendo uma suposição falsa. Isso é pior do que mentir (v. 6); é auto-ilusão. E isso é autodestrutivo, a não ser que reconheçamos nosso erro e nos arrependamos. " 'Ter pecado' não é meramente sinônimo para cometer pecados [...] 'Pecado' é o princípio segundo o qual os atos pecaminosos se manifestam de diversas maneiras".[3] Brooke não concorda com a interpretação dos que acreditam que a mesma frase "ter pecado", encontrada em João 15.22-24, significa culpa pelo pecado. E ele conclui: "O 'pecado' que havia tomado conta deles, pelo fato de o terem rejeitado, apesar do que Ele tinha feito no meio deles, tinha concebido e gerado ódio".[4] O pecado, não a verdade, é o princípio controlador dessas pessoas.

Se confessarmos (9) combina com o versículo 7. O indivíduo hipotético nesse versículo reconhece o fato do princípio do pecado interior que produz atos pecaminosos e uma consciência culpada. Ele reage à luz de Deus revelada nele e reconhece as trevas que o controlam. Quando confessamos nossos pecados, aprendemos por experiência a verdadeira natureza de Deus; aprendemos o que significa dizer que "Deus é luz". Descobrimos que Deus **é fiel** aos seus propósitos, pelos quais se revelou em Cristo. Deus não pode negar-se a si mesmo; Ele precisa ser fiel à sua própria natureza.

Deus também é **justo** (*dikaios*, reto) em relação ao homem e seu pecado. As pessoas são tentadas a retaliar na mesma moeda quando outras pessoas as maltratam ou cometem algum mal contra elas. Mas não é assim com Deus. As injustiças e falhas do homem não podem provocar Deus a ser injusto em resposta à confissão genuína de pecados. João deseja deixar claro que nenhuma acusação de injustiça ou falta de retidão pode ser levada contra Deus de maneira bem-sucedida.

Mas na obra de redenção Deus faz muito mais do que vindicar sua justiça moral. "A revelação em Jesus Cristo mostra que Deus é *dikaios* à medida que age ao longo da linha do seu poder salvador ao tornar a fé em Jesus Cristo a condição para receber seu livramento".[5] Há uma qualidade salvadora na justiça ou retidão de Deus. Ela é demonstrada naqueles que "caminham na luz", aqueles que *confessam* os seus pecados.

O conceito de salvação de João é paralelo ao conceito de pecado. Pecado é algo que nós controlamos — algo que escolhemos aceitar ou rejeitar, mas pecado também é algo que nos controla. Ele é um ato mau e uma inclinação para essa ação. Para o ato do pecado, João prescreve perdão; para a inclinação para o pecado, ele oferece purificação.

Perdão e purificação não representam para João toda a essência da experiência da salvação. Eles são parte do processo por meio do qual entramos numa nova vida de luz e amor. Perdão e purificação são duas portas — talvez portas duplas — através das quais passamos da vida de pecado para a vida de comunhão com Deus e seu povo. No entanto, eles não constituem a ênfase principal de João aqui porque ele está mais interessado no produto do que no processo. É por isso que ele ressalta tão fortemente as qualidades divinas de vida, luz e amor.

O versículo 10 corresponde ao versículo 8. **Se dissermos que não pecamos** é uma frase mais ampla e geral do que **se dissermos que temos comunhão** ou **se dissermos que não temos pecado**. João está dizendo: "Se dissermos que nunca temos pecado". Essa é uma negação do fato em si do pecado, a razão para a expiação, a ocasião para a auto-revelação de Deus ao homem. Essa atitude é a mais repreensível de todas, porque torna Deus um **mentiroso**. É o pecado acima de todos os outros pecados — o pecado da arrogância e orgulho, que coloca a sabedoria do homem acima da sabedoria de Deus. Esse é o fruto da primeira tentação registrada: "É assim que Deus disse [...] ? [...] Certamente não morrereis" (Gn 3.1, 4).

A sua palavra não está em nós é uma repetição de **não há verdade em nós** (8). A verdade e a palavra de Deus vêm com a luz, e aquele que anda nas trevas não é governado por nenhuma delas.

A repetição da primeira pessoa do plural refere-se ao grupo de cristãos a quem João escreveu, grupo do qual ele fazia parte, talvez como pastor ou superintendente. O apóstolo não diz que o estado pecaminoso é normal para o cristão, porque ele escreveu "para que não pequeis" (2.1). Ele podia dizer que eles eram mentirosos e tornaram Deus um mentiroso ao afirmar estarem livres de pecado, porque a possibilidade de pecar sempre está presente, e alguns deles tinham se tornado partidários do espírito do Anticristo e haviam apostatado. A possibilidade de pecar não significa que isso precisa acontecer. A ênfase de João está nas virtudes cristãs positivas de comunhão, na permanência na luz, no perdão e purificação em vez de ressaltar os elementos negativos de caminhar nas trevas.

Não está de acordo com o pensamento de João equiparar o caminhar na luz e o arrependimento de pecado, como se os dois fossem continuamente necessários para a

vida cristã. A confissão de pecados é o início da caminhada na luz, isto é, dar as costas às trevas do pecado. E há um arrependimento do qual não precisamos nos arrepender, uma volta da escuridão para a luz que não precisa ser repetida, mesmo que a possibilidade de pecar sempre esteja presente. No entanto, essa possibilidade de pecar não deveria ser interpretada como que significando a existência de pecado.

Há um tipo de perfeccionismo que é chamado corretamente de heresia — a afirmação de que podemos ser libertos da inclinação para o pecado de tal maneira que se torna impossível cometer qualquer ato de pecado. É difícil identificar esse tipo de ensinamento mesmo entre os mestres mais radicais de santidade. Embora alguns possam ocasionalmente fazer essa afirmação, esse ensinamento é expresso na maioria das vezes pelos críticos da posição teológica wesleyana acerca do pecado e da salvação. A possibilidade de cometer pecado permanece, porque os cristãos precisam viver em um mundo pecaminoso, eles podem ser tentados e são cercados por fraquezas humanas de todo tipo. Mas essa situação não é incompatível com o caminhar na luz. É a luz de Deus, não a nossa. A verdade é encontrada na antiga fórmula: "É impossível não pecar", em vez de: "Não é possível pecar".

O problema envolve a compreensão da natureza do pecado. Qualquer má ação, por mais inadvertida ou repugnante que seja ao que a cometeu, deve ser considerada pecado no sentido mais amplo do termo. As pessoas mais santas estão sujeitas a pecar com base nessa definição. João diz que "Toda iniqüidade é pecado" (5. 17). Ele também diz que "Qualquer que permanecer nele não peca" (3.6); e "Quem comete pecado é do diabo" (3.8). Ser cristão não garantirá que um homem não matará outra pessoa em um acidente de carro. Mas nenhum homem honesto e imparcial o acusaria de ser um assassino e, conseqüentemente, refutar seu caráter justo, porque os motivos sempre precisam ser levados em conta; João, portanto, estabelece a definição de pecado como um ato voluntário realizado por uma pessoa responsável.

Não existe o desejo aqui de descartar um problema ao simplificá-lo demais. Conflitos armados, desequilíbrio mental, falta de julgamento em circunstâncias não provadas, padrões culturais e muitos outros elementos da vida moderna impedem uma distinção claramente definida entre o pecado que escolhemos e um erro que as circunstâncias lançaram sobre a pessoa. Somente o julgamento final dará a resposta. Mas a distinção entre o mal voluntário e involuntário está presente no pensamento de João e é um dogma teológico muito necessário.

O pecado, como João usa o termo, inclui tanto a inclinação quanto o ato. O arrependimento envolve a aceitação da culpa e é, portanto, uma coisa voluntária. João nunca atribui responsabilidade por atos pecaminosos onde não houve uma escolha responsável.

C. Para que Não Pequeis, 2.1-2

No meio da abordagem de João acerca do pecado, ele expressa uma palavra encorajadora aos fiéis — **Meus filhinhos** (1). Essa é uma expressão afável, muitas vezes usada com referência ao relacionamento entre mestre e pupilos. Esse pode ter sido o uso imediato desse termo por João. Mas ele tem um significado mais profundo, uma referência ao fato de que os cristãos experimentam comunhão com Deus como resultado

do novo nascimento (Jo 3.3). Eles se assemelham, portanto, ao seu Pai celestial tanto em propósito quanto em ação.

Para que não pequeis vem como um desafio necessário para o antinomianismo descrito acima, no qual a liberdade do pecado é considerada não só impraticável mas também impossível. João parece pressentir que seu ensinamento acerca do arrependimento e perdão pode levar a esse tipo de doutrina e vida. E, assim, ele declara sem ambigüidade, que a marca da vida cristã é a ausência de pecado. Esse deveria ser o alvo e o desejo do coração de cada filho de Deus. Ele também é um alvo alcançável por causa destas **coisas** que João escreveu — a auto-revelação de Deus, a provisão por comunhão com Ele e com seu povo, a promessa de perdão e purificação ao caminhar na luz e a eficácia do sangue de Jesus Cristo. "O objetivo do autor é produzir 'impecabilidade'. E essa não é uma aspiração infrutífera em relação a um ideal que possivelmente não pode ser realizado, porque os recursos em lidar com o pecado que ele deseja combater estão à mão".[6]

A necessidade desse tipo de exortação é o reconhecimento de uma certa tensão debaixo da qual a vida cristã é vivida. Há a garantia consciente de que um remédio seguro foi provido pelo pecado no coração e vida de uma pessoa, tanto em princípio quanto em ação. Em contraste com isso está o fantasma que nos persegue: o fato de que continuamos sujeitos a cair. Esse não é o estado descrito por Paulo, quando diz: "vejo nos meus membros outra lei", "que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo" (Rm 7.21, 23). Esse estado é, na verdade, a tensão entre espiritualidade e humanidade. É o risco necessário que todo homem corre ao se esforçar em seguir o feixe claro da luz reveladora de Deus enquanto habita em um corpo perecível num mundo de trevas e pecado.

Na expressão **para que não pequeis** (*hina me harmatete*), o "aoristo sugere atos específicos de pecado em vez do estado habitual, que é incompatível com a posição dos cristãos que estão na verdade".[7] João não está dizendo que os cristãos não podem pecar nem que não irão pecar, mas que não deveriam pecar.

Se alguém pecar refere-se, nesse caso, ao cristão que foi surpreendido pelo pecado, em vez do pecador voluntário e habitual. É possível, nesse sentido, pecar "involuntariamente". Ele pode sucumbir porque as forças pecaminosas são mais fortes do que ele. Ele pode ser enganado ou pego em uma armadilha por causa da sua ignorância. Ou ele pode se desviar em decorrência de descuido ou negligência. Em todo caso, a restauração está prontamente disponível na pessoa de Jesus Cristo. Mas esse conhecimento glorioso não deveria diminuir seu sentimento da escuridão do pecado e os perigos de pecar.

No capítulo anterior, o remédio para o pecado era definido como a confissão que resulta em perdão e purificação e no estabelecimento de uma comunhão dos filhos de Deus. No contexto presente, o remédio é definido em termos da obra pessoal e redentora de Cristo. Três características são atribuídas a Ele e elas estão em justaposição com "o sangue de Jesus Cristo". Pode-se dizer que elas servem para explicar o que se quer dizer quando o Sangue é usado metaforicamente para a completa obra redentora de Cristo. Ele é chamado de **Advogado**, **o Justo** e **a propiciação**.

Temos um Advogado (*paracleton*). Esse substantivo é usado no Novo Testamento somente por João. No evangelho, ele fala do Espírito Santo como "outro Consolador" (*paracleton*; Jo 14.16), mostrando que o Espírito Santo opera como Agente de Cristo no mundo. O termo **Advogado** tem uma variedade de significados encontrados na história

do seu uso. O *parácleto* é alguém que é enviado, que é chamado para ajudar, alguém que conforta, alguém que intercede. A palavra em si "denota meramente 'alguém chamado para ajudar'. Na epístola, a idéia de alguém que defende a causa do cristão diante de Deus é claramente indicada, um 'advogado' é a tradução mais satisfatória".[8]

Jesus Cristo é aqui chamado de **o Justo**. Anteriormente, o próprio Deus foi chamado de "justo" ou reto (*dikaion*; 1.9). Isso apóia a afirmação de João de que Cristo é o Filho de Deus, a Revelação da pessoa de Deus. O termo **Justo** refere-se não tanto à vindicação do caráter moral de Cristo como à qualidade salvadora da sua atividade. De forma muito simples, João tem dito aqui que, quando o cristão cai no pecado, um apelo por ajuda traz Cristo para o seu lado, para ajudá-lo. Como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, Cristo é capaz de representar um perante o outro. Ele pode interceder pelo homem diante de Deus porque "Ele não precisa de advogado para si mesmo".[9]

Cristo é **a propiciação** (*hilasmos*; "expiação", RSV) **pelos nossos pecados**. Na KJV e na RSV há duas interpretações da mesma palavra. É possível que uma delas ou as duas contenham o significado de João. **Propiciação** traz a idéia de aplacar ou pacificar alguém que foi tratado com injustiça. Surge então a pergunta se é Deus ou o homem que precisa ser apaziguado ou aplacado. O sistema sacrificial do Antigo Testamento não foi instituído para apaziguar (conciliar) a ira de Deus contra o homem pecador, embora seja com freqüência interpretado dessa forma. Em vez disso, ele foi dado como um sinal da fé do homem em Deus, um veículo por meio do qual ele se voltava da sua alienação de Deus em arrependimento e esperança de perdão. A **propiciação** tem que ver com a reconciliação do homem com Deus, e não de Deus com o homem. Essa posição é encontrada no evangelho de João, em que Deus é descrito como que enviando Cristo por causa do seu grande amor pelo mundo pecador. Deus redime o homem por causa do seu amor, não em decorrência de ira ou ódio.

Assim, a obra redentora de Cristo, tornando-se homem e morrendo na cruz, mudou o curso da rebelião do homem e o reconciliou, o pródigo com Deus, o Pai, que está esperando de braços abertos. Isso deve ser entendido de uma forma muito real, mas, ao mesmo tempo, de maneira provisória ou temporária. A humanidade, em Cristo, o Deus-homem, foi reconciliada com Deus, mas os homens individual e coletivamente devem vir e experimentar sua reconciliação pelo arrependimento e uma disposição de caminhar na luz (1.7, 9). Caso contrário, a doutrina da reconciliação nos leva inevitavelmente ao universalismo legalista. E esse não é o ensinamento de João.

A expiação, por outro lado, traz a idéia da remoção de pecados. É por meio da obra do Filho de Deus encarnado que o remédio foi provido para o problema do pecado. Jesus Cristo é o Agente de Deus para a salvação do homem. O termo cognato *hilasterion* refere-se ao assento de misericórdia, o lugar da reconciliação entre Deus e o homem. A salvação somente pode ser encontrada em Cristo. Isso coincide com o pensamento prévio de João: O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, "nos purifica de todo pecado" (1.7).

Talvez esses dois termos sejam necessários para uma compreensão adequada do pensamento de João. Ao cristão, diante de quem ele ocupa o modelo de impecabilidade, ele também apresenta Cristo, o Advogado justo, o único pelo qual podemos encontrar a reconciliação com Deus e a remoção de todo pecado.

Mas com receio de ser mal-entendido, João se apressa em acrescentar que esse corretivo divino é pelos pecados **de todo o mundo**, não só para os cristãos vacilantes. A

provisão que restaura um cristão é o mesmo que o perdoou e o purificou. Todo aquele que andar "na luz" pode conhecer a mesma reconciliação e comunhão que somente os filhos de Deus conhecem.

João nos fala de um Deus responsável, mas também de um homem responsável. O Pai fez tudo que era necessário para a restauração do homem, a sua nobre criação. Ele não abandonou a sua responsabilidade quando o homem caiu no pecado. Mas Ele também não anulou a liberdade do homem e a sua responsabilidade pessoal quando proveu a salvação em Jesus Cristo. A dignidade do homem pode ser vista mesmo no seu estado decaído. Ele pode ter permitido que os poderes do mal o dominassem e, ao mesmo tempo, ele não é nenhum verme rastejando no pó. O pecado também não o privou desse poder de escolha que originariamente o diferenciava de uma marionete. Deus também não trata o homem de maneira diferente do que a nobre criatura que ele criou inicialmente. Ele foi criado para funcionar em uma posição altiva, física e intelectualmente. Na questão da salvação, Deus espera que o homem se levante e faça parte dos salvos; que se levante e testemunhe; que se levante e escolha; que ande deliberadamente na luz ou continue a andar nas trevas. A esperança da salvação está apoiada na obra propiciatória de Cristo, mas ela também reside, até certo ponto, na habilidade inata do homem de escolher seu próprio destino.

D. O TESTE DA OBEDIÊNCIA, 2.3-6

E nisto sabemos que o conhecemos (3). No capítulo 1, confessar e andar na luz por parte do homem, em conexão com o perdão e a purificação por parte de Deus, resultava em comunhão com Deus, com Cristo e com os santos da Igreja. Na seção atual, o resultado da obra restauradora de Cristo é conhecê-lo. Para os gregos, o conhecimento da realidade máxima vinha por meio da contemplação racional; para os gnósticos, ela vinha como resultado de uma experiência mística. Para João, o conhecimento máximo é o conhecimento de Deus em Jesus Cristo e que pode ser obtido pelo processo de ser salvo do pecado. Aqueles que desfrutam da comunhão com Deus também o conhecem. O apóstolo escreve para que saibamos **que o conhecemos**, ou "que estejamos certos que o conhecemos" (RSV). "Aprendemos a perceber mais e mais claramente que o nosso conhecimento é genuíno por intermédio dos seus resultados permanentes na disposição crescente para obedecer".[10] Esse conhecimento está vinculado à comunhão de 1.7, que é o resultado de participar da vida em Cristo. Em seu evangelho, João diz: "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste". "No quarto evangelho, é deixado perfeitamente claro que conhecer a Deus é experimentar seu amor em Cristo e corresponder a esse amor por meio da obediência".[11]

Se guardarmos os seus mandamentos passamos por um teste que valida nosso conhecimento de Deus. Dois outros testes são sugeridos mais tarde (3.14, 24). Isso não quer dizer que cada homem que guarda a lei de Deus seja cristão; muitos observavam os princípios cristãos de vida porque eles são certos e prometem as maiores recompensas — as pessoas são honestas porque "a honestidade é a melhor política". Isso quer dizer que as afeiçoes são estabelecidas sobre os preceitos morais do evangelho e, assim, tornam-se a base da obediência às leis de Deus.

O termo **seus mandamentos** não se refere aqui somente aos Dez Mandamentos. Guardar **os seus mandamentos** equivale a guardar **a sua palavra** (5) e isso significa a verdade de Deus como ela está em Cristo. Isso significa empenhar-se continuamente para ser cada vez mais parecido com Cristo — a **andar como ele andou** (6). "Conhecer a Cristo, entender a doutrina da sua pessoa e obra não passa de mera teoria; nós aprendemos a conhecê-lo e a saber que o conhecemos ao praticar os seus preceitos".[12] Jesus disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21). "A religião emocional sem disciplina torna-se sentimental e a religião intelectualizada torna-se estéril [...] A disciplina moral é o caminho para o caráter cristão".[13]

Guardar os mandamentos de Deus pode ser equiparado a andar na luz. Os resultados prometidos são somente para aqueles que "continuam a guardar". Nós o conhecemos quando desejamos acima de todas as coisas lhe obedecer, e à medida que continuamos a guardar sua palavra nosso amor por Deus é aperfeiçoado. (Veja também 2.15; 3.17; 4.12; 5.3). O grego *teteleiotia* "significa 'tem sido feito perfeito e permanece assim'. A obediência, não o sentimento, é o teste do amor perfeito".[14] Os mandamentos de Deus foram todos motivados pelo amor, e a única reposta apropriada é a resposta do amor. Nossa comunhão com Deus é uma comunhão de amor. "Em si mesmo não é um pensamento surpreendente e repulsivo, que o amor de Deus deveria habitar em nós em sua medida plena e em sua perfeição simples".[15] "Em certo sentido, é o amor de Deus pulsando em nosso peito, porque ele é originado, ou melhor, ocasionado por Ele. Mas em um sentido importante ele é humano, porque esse amor é a atividade das nossas suscetibilidades espirituais revelando-se de acordo com as leis da mente como gratidão concernente a um benfeitor".[16]

Se um homem ou mulher são capazes de saber o que significa amar um ao outro de tal maneira que estão dispostos a selar esse amor por meio do matrimônio e a permanecer fiéis um ao outro "até que a morte os separe", não é demais esperar que o cristão professo ame a Deus com uma lealdade não dividida. Paulo disse que "o cumprimento da lei é o amor" (Rm 13.10). E a lei moral de Deus revelada tanto no Antigo como no Novo Testamento foi confirmada por Jesus. O mandamento do nosso Senhor é: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" (Mt 22.37).

E. O Teste da Vida, 2.7-8

Uma melhor tradução para **Irmãos** (7) é "Amados" (*agapetoi*). João usa esse termo afetuoso por causa da importância do que ele tem a dizer, e receber a atenção compreensiva dos seus leitores. Ao usar os termos um **mandamento antigo** e um **mandamento novo** parece claro que ele está falando de um mandamento em dois aspectos em vez de dois mandamentos. Superficialmente, poderia parecer que esse mandamento tinha sido dado no Antigo Testamento e era, portanto, antigo; reiterado no Novo Testamento, era, conseqüentemente, novo. Assim, João somente poderia estar se referindo ao mandamento de amor, como foi resumido por Jesus em Mateus 22.37-40.

Esse mandamento foi dado **desde o princípio**. A frase poderia significar desde o princípio da criação, da primeira promulgação da lei mosaica ou do princípio da era apostólica, quando os cristãos receberam o evangelho. A segunda opção é possível, por-

que a Queda quebrou o relacionamento de amor entre Deus e o homem e a instituição da dispensação mosaica buscava restaurá-la. O mandamento para amar a Deus e nosso próximo tornou-se novo quando foi dado novamente por Jesus sob novas circunstâncias e para alcançar um novo vínculo que a lei era incapaz de estabelecer.

Entretanto, a terceira interpretação é a preferida e de maior significado. No princípio, a Igreja havia recebido o mandamento do amor, e agora João está reafirmando a verdade desse mandamento. Ele era **antigo** porque era a única lei por meio da qual haviam vivido a vida cristã. "Ele era antigo mas não obsoleto, primitivo mas não antiquado".[17] Esse mandamento era **antigo**, à medida que João rememorava o seu significado, mas ele era **novo** em cada estágio de ênfase. Na época da última Páscoa, Jesus disse aos seus discípulos: "Um novo mandamento vos dou" (Jo 13.34). Erich Haupt vê nesse incidente uma distinção na maneira como Jesus demonstrava o seu amor. Nesse estágio do seu ministério, Ele agia na plenitude do seu amor. Ele agia não como Senhor e Mestre mas como Servo, de uma maneira totalmente inesperada. Aos discípulos, na cerimônia do lava-pés, Ele exortou a fazer o que Ele havia feito (Jo 13.15); pouco depois, quando anunciou o novo mandamento, ele disse que eles deveriam amar uns aos outros como Ele os amava (Jo 13.34). Somente na última parte da sua vida e ministério Jesus mostrou-se como Modelo para seus discípulos. Antes disso, eles tinham praticado o amor como um dever, mas daqui em diante, eles deveriam amar como Ele amou, espontaneamente, de coração. Isso corresponde exatamente ao que João diz nesse texto — que o cristão "também deve andar, como ele andou". Talvez no fundo da mente de João havia o pensamento de que foi em seu fervor que Jesus encorajou a imitação da sua maneira de amar. Se esse é o caso, isso leva a uma melhor compreensão do novo mandamento. João estava seguindo o padrão de pensamento de Jesus.[18]

F. O TESTE DO AMOR, 2.9-11

João expôs a falácia das reivindicações de alguns membros do grupo que não eram verdadeiros cristãos. Ele o fez em relação à comunhão (1.6), ao pecado (1.8), aos pecados (1.10) e ao conhecimento de Deus (2.4). Em cada caso, ele desafiou a heresia com a verdade. Ele faz o mesmo aqui em relação ao amor — **Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas** (9). O apóstolo traçou contrastes entre luz e trevas, verdade e falsidade, e agora entre amor e ódio. Nesses termos ele aponta inconsistências entre profissão de fé e conduta, bem como erros na teologia. Ninguém pode fazer melhor do que sabe; mas nesse caso, houve uma ignorância voluntária, decorrente da falha de andar na luz e manter o amor vivo. As trevas tinham cegado os olhos. Desatentos com o que havia acontecido, eles estavam vivendo no passado, um passado brilhante, do qual se gloriavam, enquanto as trevas os engoliam.

Sem dúvida esse tipo de pessoa fazia parte da minoria. Mas o problema era real na Igreja, e João tinha de lidar com isso. Para o corpo principal de "amados" ele escreveu: **Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo** (10). Ele não tropeça nem cai nas trevas, nem é causador da queda de outros. Ensinamentos heréticos e seus defensores sempre causaram simpatia em um número desproporcional de membros da Igreja e seus líderes. A verdade é menos espetacular, mas sua natureza é eterna.

G. Filhinhos, Pais, Jovens, 2.12-14

Esses versículos apresentam dois problemas: as classes de pessoas endereçadas e a mudança de tempo no verbo "escrever".

Existem dois grupos de três aqui, cada um consistindo em **filhinhos**, **pais** e **jovens**. No primeiro, a palavra grega usada para **filhinhos** é *teknia* e no segundo, *paidia*. A diferença de sentido entre esses dois termos é pequena e João provavelmente não tinha a intenção de ressaltar nenhum tipo de diferença. Em outros lugares na epístola em que uma dessas palavras é usada (2.1, 28; 3.7, 18; 4.4; 5.21), João provavelmente se refere a todo corpo de leitores. A ordem **filhos**, **pais** e **jovens** é ilógica se João estava se dirigindo a grupos etários. **Filhinhos** é um termo afetuoso dirigido a todos. Ele os divide em dois grupos — **pais** e **jovens**. Essa divisão pode ser por idade ou maturidade espiritual, visto que idade e maturidade são geralmente contrastadas com juventude e imaturidade, embora esse nem sempre seja o caso. Ao mesmo tempo, todos podem em um sentido real ser incluídos em cada uma das três categorias.

A mudança de tempos é mais difícil de ser compreendida. O texto grego de Nestle traz *grapho* (escrevo ou estou escrevendo, no presente indicativo) três vezes e *egrapha* (escrevi ou tenho escrito, no aoristo) três vezes. A KJV aqui, usando a tradução de um texto grego menos exato, traz **escrevo** quatro vezes e **escrevi** duas vezes. A RSV traz "estou escrevendo" três vezes e "escrevo" três vezes, com referência "ao aoristo como 'epistolar', equivalente ao presente".[20] A ARC traz **escrevo** no primeiro conjunto de três e **escrevi** no segundo.

Tem sido sugerido um número de interpretações acerca da mudança do presente para o aoristo. Alfred Plummer enumera sete.[21] Três são mais razoáveis do que as outras. Primeiro, "escrevo" pode referir-se à epístola e "escrevi" ao evangelho de João. Essa é a escolha de Plummer e, é claro, se baseia na hipótese de que João é o autor das duas obras. Segundo, no uso do aoristo "o autor se volta para o pensamento da parte da carta que ele já havia terminado".[22] Terceiro, "no presente [...] o apóstolo tem em mente a passagem na qual ele está engajado: no aoristo [...] a epístola está na sua mente, como se ela tivesse sido concluída; ele fala historicamente do conceito intelectual da epístola que precedia a composição atual".[23] Qualquer uma das duas primeiras é preferível à terceira.

João escreve: **Filhinhos, escrevo-vos porque, pelo seu nome, vos são perdoados os pecados** (12). O perdão não representa tudo na salvação do pecado, mas é a porta de entrada para a vida cristã, o início do andar na luz na comunhão cristã. No hebraico, o nome sempre significa o caráter de um indivíduo. **Pelo seu nome** é uma maneira de dizer que eles foram perdoados por meio da obra propiciatória de Cristo.

Mencionamos que o significado de **filhinhos** se divide em **pais** e **jovens**. Da mesma forma, o perdão de pecados tem dois aspectos: **pais** pode sugerir conhecimento de Cristo e **jovens** força para ser vitorioso sobre o mal e o próprio Satanás.

No segundo conjunto de três, João escreve porque seus **filhos** ("filhinhos", ARA, NVI) conheceram o Pai, uma reiteração de "conhecestes" no versículo 13. Ele então divide esse conhecimento do Pai em dois elementos: conhecimento do Filho e vitória sobre o diabo. A vida cristã tem tanto o lado teórico quanto o prático. O perdão de pecados e o conhecimento de Deus (v. 3) são os fundamentos dos **jovens**, que naturalmente estavam

no apogeu da vida e de um andar vitorioso com Deus. A força para vencer é atribuída a uma comunhão mais pertinente com Deus, em todas as suas ramificações expressas, e mantém tanto jovens quanto velhos no apogeu da vida e no vigor espiritual. Andar na luz da obediência à vontade de Deus e ter a Palavra de Deus habitando no interior nos torna fortes contra todas as forças do mal.

H. AMOR DO MUNDO, 2.15-17

Aqueles que almejam o alto padrão da vida cristã descrito por João devem deixar de amar **o mundo** e **o que no mundo há** (15). Isso é assim porque o mundo está na escuridão e o povo de Deus anda na luz. Há uma contradição aparente entre essa restrição e a própria afirmação de João de que Deus ama o mundo (Jo 3.16). Poderia parecer que somos aconselhados a não amar o mesmo mundo pelo qual Cristo morreu para salvar e do qual todas as pessoas fazem parte. Mas "o mundo que o Pai ama é toda a raça humana. O mundo que não devemos amar é tudo que está alienado dele, tudo que impede o homem de amá-lo em troca [...] O mundo que não devemos amar é o seu rival".[24] "Eles não deveriam evitar nenhum lugar e nenhum homem; eles deveriam amar todos os lugares e todas as pessoas; mas em todos os lugares e no meio das pessoas, havia um mundo que eles não deviam amar".[25] Esse **mundo** é o sistema de vida que foi estabelecido pelo homem não regenerado debaixo da influência do mal. Pode se dizer sem sombra de dúvida acerca desse sistema: **Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele**. Um coração não pode conter dois amores tão hostis um para com o outro como é o caso do amor da luz e o amor das trevas".[26] "Somente Deus é digno de ser completamente amado".[27] "Ninguém pode servir a dois senhores [...] Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mt 6.24).

O que há no mundo que o cristão não deve amar não pode significar todas as coisas que formam o mundo. A expressão é idêntica em significado a **tudo o que há no mundo** (16). Disso "podemos entender o elemento que faz do mundo o mundo, sua natureza e determinação fundamental".[28] João não apresenta um catálogo de coisas que compõem o mundo, mas destaca três aspectos essenciais de mundanismo: **a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida**.

Alguns escritores têm encontrado nesses aspectos essenciais do mundanismo um paralelo com as três tentações de Jesus no deserto, mas é difícil chegar a conclusões significativas. **A concupiscência da carne** é a sensualidade; não a tentação de satisfazer um apetite legítimo, como ocorreu com Jesus no deserto, mas o desejo pelo abominável como "glutonaria, bebedeira e as relações sexuais irregulares".[29] "O significado maléfico da frase está na palavra 'concupiscência', não na 'carne' ".[30] Ela encontra sua ilustração no erotismo que é espalhado por meio de imagens, palavras e voz, pelo mundo do entretenimento e da propaganda. Seu perigo está no fato de se esconder atrás da palavra amor. A concupiscência não conhece critério ou norma, somente a satisfação própria. Ela é essencialmente egoísta, irresponsável e autoconsumidora. A **carne** (*sarx*) "denota a natureza humana corrompida pelo pecado".[31]

A concupiscência dos olhos é ilícita, uma "curiosidade lasciva". Essa concupiscência envolve o que a pessoa não tem. **A concupiscência da carne** envolve o que ela

tem e usa isso para fins maléficos. "Esses dois tipos de concupiscência estão relacionados com o desejo de prazer, e o prazer daquilo que é desejado, mas de tal forma que o elemento egoísta se sobressai".[32] **A concupiscência dos olhos** envolve não somente os olhos mas também a mente e a imaginação. Ela pode procurar satisfação por meio da mídia, da literatura e arte, e talvez se torne mais marcante quando insatisfeita; sua satisfação completa incluiria ceder à concupiscência da carne. Esse tipo de concupiscência é "a tendência de ser cativado pela exposição exterior das coisas, sem examinar seus verdadeiros valores".[33] "Nosso autor, olhando para a sociedade contemporânea de um ponto de vista cristão, e julgando-a com uma seriedade mais profunda, a vê como a própria encarnação desse espírito presunçoso e vanglorioso".[34]

E o mundo que **passa** (17) é o mundo que os cristãos não devem amar. Mais tarde, João fala em termos escatológicos da "última hora" (2.18), da vinda de Cristo (2.28), da manifestação de Cristo (3.2) e do dia do julgamento (4.17). Isso pode incluir o fim do mundo, quando "os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão" (2 Pe 3.12). Mas aqui o apóstolo não está falando do que acontecerá ao mundo físico. João está pensando no mundo ateísta. A vida que o homem construiu em auto-estima e em oposição a Deus não tem um poder de sobrevivência permanente. O século XX, mais do qualquer outra época, dá um testemunho poderoso da transitoriedade de todas as coisas temporais e a possibilidade de o homem destruir a civilização que ele mesmo criou, incluindo-se a si próprio. Os caminhos do pecado são disseminados com as sementes da sua própria destruição.

O **mundo** também **passa** em termos do progresso da história pessoal. O tempo voa e tudo muda. O orgulho, a folia e as atividades sensuais da mocidade e das pessoas de meia idade logo perdem sua atração quando a idade avança, e chegam "os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento" (Ec 12.1).

Em contrapartida, **aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre**. Aqui, João também está falando em termos morais em vez de físicos. A pessoa que está no mundo, mas não pertence a ele, subsiste a tudo que passa por causa da vida que possui em Cristo. Não temos aqui um contraste direto entre o mundo que é temporário e o homem que é eterno por fazer a vontade de Deus. João poderia ter contrastado diretamente o mundo e o Reino de Deus. Mas então ele teria de contrastar o cristão e o pecador, virtualmente dizendo que o pecador também passará. João não está dizendo isso, mas ele atribui imortalidade à vida eterna (espiritual) que o homem recebe por meio de Cristo. Ele parece dizer que o homem pode viver um dos dois tipos de vida na terra — um tipo subsistirá e o outro não.

I. O Mundo Passa, 2.18-26

É já a última hora (18). Frases semelhantes ocorrem em outros textos do Novo Testamento (Jo 11.24; At 2.17; 1 Pe 1.3; Jd 18) e encontram seu correlativo no "dia do Senhor" dos profetas hebraicos. Alguns escritores são ousados ao dizer que João achava que "a história do mundo [...] estava se aproximando do fim".[35] Esse pensamento encontra um certo apoio no livro de Apocalipse. Outros o interpretam como que significando "o tempo imediatamente precedendo o retorno de Cristo para julgar o mundo".[36] Steele diz:

"Essa expressão denota uma crise e não o fim do mundo".[37] João viu essa crise ser precipitada pelas perseguições aos cristãos e que culminou na luta fatal entre a Igreja e o Império Romano. Tanto quanto o apóstolo podia ver, a história não iria continuar seu curso costumeiro. Ele não podia apresentar detalhes porque não foram revelados a ele. Mas sua fé lhe dizia que o justo sobreviveria e o mundo pecador seria destruído. Deus não seria derrotado nessa disputa.

Uma evidência da **última hora** é a aparição de muitos **anticristos**. Esses não eram líderes mundiais ou governantes, mas ex-membros da igreja que tinham negado **que Jesus é o Cristo** (22). Eles eram aqueles que **saíram de nós, mas não eram de nós** (19). "O rompimento da conexão mostra que essa condição de membro era apenas exterior".[38] Eles eram fruto da crise na qual muitos caíram. Embora João fale de um **anticristo** que **vem** (18), de quem o povo tinha ouvido falar, ele não o descreve. Seu **anticristo** fica distante do "filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus" (2 Ts 2.3-4) de Paulo. Dos fariseus que eram contra Ele, Jesus disse: "Vós tendes por pai ao diabo" (Jo 8.44).

Em contraste com os anticristos lemos acerca daqueles que seguem a Cristo. João diz o seguinte a respeito dos cristãos: **vós tendes a unção do Santo** (20). "Da forma como o Anticristo tem seus representantes, assim o Santo, o Cristo, tem os seus".[39]

A unção com óleo sob a aliança mosaica acompanhava somente a consagração de sacerdotes, reis e profetas. Na dispensação cristã, a unção com o Espírito Santo é um privilégio de todos. O resultado do dom do Espírito Santo é o conhecimento. Isso é uma reafirmação de 2.3, e o conhecimento aqui poderia significar o conhecimento de Cristo. Mas seu significado parece ser mais amplo do que isso. A frase **sabeis tudo** é mais corretamente traduzida por: "Todos vocês conhecem". O significado parece ser que todos os verdadeiros cristãos têm o conhecimento da verdade como é revelada em Cristo. O apóstolo tinha se referido ao Espírito Santo como o "Espírito da verdade" (Jo 14.17), que, quando vier, "vos guiará em toda a verdade" (Jo 16.13). Ele está dizendo aqui que por meio da unção do Espírito Santo as pessoas têm um conhecimento certo e seguro — não de uma verdade histórica ou científica ou mesmo teológica, mas da verdade salvadora.

João tinha escrito aos cristãos porque reconheceram a verdade quando foi apresentada a eles. Ele não lançaria suas pedras aos porcos — os anticristos. Há momentos em que é tolice apresentar o evangelho a certas pessoas. João diz isso porque eles são mentirosos e querem somente ouvir o que é falso.

Nenhuma mentira vem da verdade (21); i.e., a verdade não contém falsidade. Visto que eles aceitavam a falsidade, João não podia oferecer-lhes nenhuma verdade. A negação de **Jesus** como **o Cristo** (22) e de Deus como o **Pai** os incapacitou a ouvir a verdade. A negação de um era a negação de outro (v. 23). Mais do que isso, era a negação da Encarnação. Para João, a Encarnação é o dogma principal da teologia cristã — ela é central, em torno da qual todos os outros dogmas se agrupam e crescem.

Evidentemente, os anticristos estavam ativamente empenhados em tentar enganar (v. 26) os cristãos. João os tinha desmascarado até que foram persuadidos a deixar a Igreja. Ele insta os cristãos a permanecerem firmes, como havia ocorrido **desde o princípio** (24), na esperança da **promessa** de **vida eterna** (25). Essa vida é uma posse presente e uma esperança futura.

J. Permanecendo em Cristo, 2.27-29

João expressa o relacionamento entre o cristão e seu Deus em termos da **unção** (27). Deus permanece no cristão por meio da presença contínua do Espírito Santo, e o cristão permanece em Deus. Em uma expressão semelhante, Jesus disse aos seus discípulos: "Estai em mim, e eu, em vós [...] Eu sou a videira, vós, as varas" (Jo 15.4-5). Isso ressalta o tipo de comunhão mais íntima onde os dois lados estão ativamente empenhados em sua continuação.

O Espírito Santo é apresentado como o Mestre e, portanto, **não tendes necessidade de que alguém vos ensine**. João não quer dizer que toda instrução humana deve ser descartada, do contrário, ele nunca teria escrito essas palavras de instrução. Em vez disso, de maneira bastante veemente, ele está dizendo que os cristãos não dependem dessa "sabedoria" que os gnósticos afirmavam possuir. João estava advertindo contra essa filosofia ilusória. A semelhança da reivindicação a fontes especiais de conhecimento, tanto pela Igreja como pelos falsos mestres, tornou as exortações do apóstolo de grande importância para os cristãos do primeiro século.

O Espírito Santo é o "Protetor da ortodoxia". Ele é o Mestre da verdade não adulterada; portanto, Ele é o Avalista de que nosso relacionamento duradouro com Deus é uma compreensão inteligente bem como uma intimidade emocional. "A experiência da vida eterna significava crescimento na verdade e posse da verdade".[40] "À medida que a verdade é apropriada, a comunhão com o Divino cresce e torna-se mais real".[41]

Além do mais, os **filhinhos** devem permanecer **nele** (28). Eles precisam realizar algo, como em qualquer relacionamento pessoal e em cada processo de aprendizagem. "O ensinamento que eles receberam no princípio tornou-se o critério para todos os desenvolvimentos posteriores [...] Eles devem permanecer 'no ensinamento dele'. Os ensinamento primitivos não tinham sido suplantados por uma mensagem mais elevada e inteiramente diferente, como ocorria entre os gnósticos. Eles não precisavam de mais ensinamento".[42]

Um novo motivo é agora acrescentado para permanecerem na verdadeira comunhão. Visto que é a "última hora", os cristãos devem estar preparados para encontrar-se com Cristo **quando ele se manifestar**. Duas qualidades deveriam caracterizá-los nesse período — eles deveriam ter **confiança e não** ser **confundidos**. A primeira qualidade "significa especialmente a confiança destemida com a qual a alma fiel encontra a Deus".[43]

No lugar da expressão **não sejamos confundidos,** a NVI traz: "não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda". Que cada pessoa que professa ter encontrado a Jesus Cristo "ande na luz", "guarde seus mandamentos", "permaneça nele", seja ensinada pelo Espírito de tal maneira, que ela não tenha nada na sua vida para se envergonhar aqui e agora ou na sua vinda.

O versículo 29 usa dois verbos gregos para **sabeis** — *oida*, "saber", e *ginosko*, "aprender a saber".[44] Podemos ler então: **Se sabeis que ele** (Cristo) **é justo** — e vocês sabem se estão sendo ensinados pelo Espírito Santo — vocês também saberão **que todo aquele que pratica a justiça é nascido** de Deus.

Um pensamento novo, mas relacionado, é introduzido aqui. Por meio da compreensão dada pelo Espírito Santo, o verdadeiro cristão pode determinar se o outro é um ver-

dadeiro cristão. Isso é discernido ao observar se as ações dele são justas ou não. O cristão será como o seu Mestre, "Jesus Cristo, o Justo" (2.1); ele guardará "os seus mandamentos" e andará como Cristo andou.

João não fala de justificação pela fé como Paulo, embora a fé na pessoa e obra de Cristo seja fundamental. Um homem torna-se cristão ao receber vida eterna de Cristo. Por essa razão, João não precisa argumentar contra obras de justiça como Paulo fez. De modo simples, o que um homem faz e como age são aspectos intimamente ligados com a sua salvação. A ênfase dos dois apóstolos é diferente, mas eles concordavam que obras justas devem seguir a conversão inicial. "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7.20) — conhecer que eles são nascidos de Deus, nascidos de novo do alto.

SEÇÃO III

O CARÁTER DOS FILHOS DE DEUS

1 João 3.1-24

A. OS FILHOS DE DEUS, 3.1-3

Vede quão grande caridade (1) é mais do que um simples imperativo clamando por atenção. Essa é uma exclamação genuína de perplexidade misturada com gratidão. O pronome *potapos* (**quão grande** ou que tipo) "nunca serve [...] para indicar meramente grandeza externa [...] mas sempre aquilo que é interno".[1] Ele se refere à qualidade do amor de Deus, o fato de ser dado àqueles que são pouco amáveis e indignos. "O amor de Deus em Cristo é estranho a esse mundo: 'De que reino remoto? Que amor extraordinário?' "[2]. O prodígio desse amor é mais do que uma manifestação da graça de Deus; o prodígio é que ele foi dado ao homem.

João especifica que é **o Pai** que dá o seu amor — não "nosso Pai", como Jesus ensinou aos seus discípulos na Oração do Pai-Nosso. O apóstolo nunca usa o termo "vosso Pai". **O Pai** aqui tem o significado de Deus, o Pai de Jesus Cristo. Deus demonstrou seu amor a nós no Filho. Antes Deus revelou-se como "luz" (1.5), agora como **caridade** (amor), que se torna virtualmente o tema do restante da epístola. A coisa maravilhosa é que esse amor foi dado a nós, e, como resultado, nos tornamos filhos de Deus. Os cristãos são fruto do amor de Deus, enquanto a humanidade em geral é o resultado da atividade criativa de Deus. Não só fomos **chamados filhos de Deus**, mas nós o somos de fato. "A ponto de sermos chamados" (*kai esmen*) deveria ser acrescentado à versão King James, porque consta nos melhores e mais antigos manuscritos gregos.

Paulo empregou o termo "filhos" (*uioi*) em um sentido legal, usando a analogia da adoção em vez de geração. Para João, somos "filhos" (*tekna*) de Deus pelo novo nascimento e esse é o relacionamento mais íntimo.

Por isso (como resultado disso), **o mundo não nos conhece**. Os crentes nos chamam de filhos de Deus, mas o mundo de forma alguma nos reconhece como tais. "Agostinho compara a atitude do mundo em relação a Deus com os doentes em delírio que estariam dispostos a machucar o seu médico".[3] **Porque não conhece a ele**, isto é, nem a Cristo como o Filho de Deus nem o amor de Deus manifesto em Cristo, o mundo não consegue identificar os cristãos como tais. Isso foi demonstrado na vida e morte de Jesus, que foi tratado como um homem a ser destruído. Em parte, isso ocorreu porque a divindade de Jesus era encoberta — e a filiação dos cristãos também é obscurecida pela sua humanidade. "Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro" (2 Co 4.7). Mas João atribui essa cegueira do mundo à sua natureza inerente (veja 2.15ss.).

Amados, agora somos filhos de Deus (2). Essa repetição, além do elemento tempo **agora**, estabelece um contraste entre o presente e o futuro dos filhos de Deus. Eles ainda não se beneficiaram plenamente das provisões da propiciação. Os filhos devem crescer e se desenvolver — e não obstante o futuro incerto se estende diante deles: **e ainda não é manifesto o que havemos de ser**. Os contrastes apontam para uma diferença qualitativa bem como quantitativa entre o **agora** e o **ainda não**.

A diferença será evidente quando Ele aparecer — "na sua vinda" (2.28). **Sabemos que** [...] **seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos**. Essa afirmação pode ser entendida de várias formas. Certamente, seremos semelhantes a Ele então, porque em um sentido real somos semelhantes a Ele agora. Outros entendem que "seremos semelhantes a Ele porque o veremos". Isso pressupõe que a visão de Deus nos tornará semelhantes a Ele.

Muito pode ser dito em relação a essas duas posições. O cumprimento glorioso na nossa filiação é a esperança abençoada do cristão. Essa esperança não pode ser nutrida por alguém cuja vida é vivida em pecado.

Essa expectativa é a reflexão de uma vida de pureza enquanto ao mesmo tempo ela nos motiva a nos manter puros: **Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo** (3). Nenhum homem pode manter-se puro pela sua própria vontade e esforço, mas ele pode continuamente andar na luz; e essa luz — a verdade revelada de Deus em Cristo — serve como o feixe purificador. A luz examinará o interior do homem e penetrará até alcançar sua consciência e vontade. João ousa afirmar que somos puros **como também ele é puro**. Ele pode fazer essa afirmação ousada porque é Deus quem opera a purificação. É por causa dessa purificação que **seremos semelhantes a ele**.

B. Uma Definição de Pecado, 3.4-6

João agora volta à sua discussão do pecado. Tendo reconhecido a possibilidade de o cristão cometer pecado (2.1), ele precisa ampliar esse assunto com maior profundidade. Seu interesse é prático, embora conceitos teológicos de pecado não estejam faltando. Ele tem definido ou descrito o pecado como ação e motivação (1.8,9) — e ambos encontram cura no "sangue de Cristo". Esse conceito de pecado duplo persiste no parágrafo presente: **Qual-**

quer que comete o pecado também comete iniqüidade, porque o pecado é iniqüidade (4). Uma tradução mais clara diz o seguinte: "Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei" (NVI). Pecar é incompatível com o permanecer em Cristo que o cristão experimenta. O espírito da "ilegalidade" também é incompatível com guardar os mandamentos de Deus. Veja os comentários em 2.3-6 acerca do uso que João faz da palavra mandamento. Aqui seria apropriado dizer que **o pecado** é "a transgressão da lei" do amor. A ilegalidade brota do ódio enquanto a obediência se origina no amor. Quando alguém age por qualquer outro motivo que não seja o amor, age de maneira egoísta, irresponsável e em rejeição do valor e individualidade de outras pessoas envolvidas. Machucar propositadamente outra pessoa de qualquer forma — física, mental, espiritual ou socialmente — é agir contra a lei do amor; isso é pecado. "O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor" (Rm 13.10).

A história da Igreja revela que algumas das maiores atrocidades foram cometidas por um segmento da Igreja contra outros, geralmente por causa de alguma diferença em relação a crenças ou interpretação delas. Alguns cristãos, observando a prescrição "não ameis o mundo", incluíram as pessoas não convertidas do mundo e, algumas vezes, muitas das belezas e alegrias da vida. Por trás dessa atitude está oculto um sentimento de superioridade atribuída ao povo escolhido de Deus. Isso é parecido com a reivindicação dos gnósticos de uma "iluminação superior" que "os colocava acima da lei moral".[4]

Todo esforço evangelístico é falso e infrutífero quando o mundo que está sendo evangelizado não é também amado.

João escreve dessa forma porque **nele** (Cristo) **não há pecado** (5), e os cristãos devem ser semelhantes a Ele. Deus nunca nos cobrará algo que não podemos alcançar; Ele sempre provê a capacidade. João diz: **bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados**.

C. Filhos de Deus Versus Filhos do Diabo, 3.7-8

Embora ações motivadas por amor sejam normativas para o cristão, elas nem sempre acontecem automaticamente. O amor cristão tem sido demonstrado por Cristo e, até certo ponto, esse amor é recebido quando alguém se torna cristão. Mas a vida de amor também deve ser aprendida. Podemos ser iludidos quanto a viver pela lei do amor. Se estamos plenamente persuadidos disso e vivemos por essa lei, precisamos guardar nossas mentes contra aqueles que buscam nos enganar por meio de palavra ou ação e fortalecer-nos com o conhecimento da verdade. João declara: **Quem pratica justiça é justo** (7). O amor é uma compreensão e um consentimento mental bem como uma experiência emocional. A última parte do versículo 7 repete 2.29. Mas João ressalta aqui mais um aspecto: **Quem comete o pecado é do diabo** (8). Isso não significa que se um cristão peca inadvertidamente — o que João considera possível (2.1) — pertence ao diabo no mesmo sentido que o cristão pertence a Deus como filho. João quer dizer que à medida que alguém não é motivado pelo amor para obedecer a Deus, ele é motivado por uma disposição para aceitar as propostas de Satanás. Ou João pode entender que aquele que peca *habitualmente* está entre aqueles de quem Jesus disse: "Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai" (Jo 8.44). "Como o restante do Novo Testa-

mento, João não tem dúvida de que por trás da vontade rebelde do homem há um rebelde-mor, que pecou antes de eles existirem ('desde o princípio'), e que, como o inimigo de tudo que é bom, é chamado de diabo, o caluniador, ou Satanás, o adversário".[5]

O diabo sempre foi o pior dos pecadores. Mas Cristo veio **para desfazer as obras do diabo. Desfazer** as obras do diabo significa o que João já afirmou em termos de perdão, purificação e ter comunhão com Deus. Isso pode ocorrer gloriosamente na vida do indivíduo mesmo hoje. Existe a esperança de que isso possa ocorrer em sua plenitude em algum ponto no futuro, embora até agora as obras do diabo sejam abundantes e visíveis.

D. Impecabilidade, 3.9-12

Mais uma vez João ressalta o que já disse anteriormente: **Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado** (9), mas aqui o apóstolo acrescenta **e não pode pecar**. Essa é uma impossibilidade moral e ética, não literal. De acordo com a natureza de Deus, alguém que é nascido dele não pode pecar, **porque a sua semente** (de Deus) **permanece nele**. Essa **semente** ("natureza de Deus", NVI; "a semente divina", NEB) refere-se à vida eterna que Deus prometeu àqueles que lhe obedecem e permanecem nele (2.25). Uma outra maneira de expressar essa verdade é dizer que aquele cuja vida é governada pela lei do amor — amor a Deus e ao próximo — **não pode pecar**, porque ele não pode, ao mesmo tempo, amar o próximo e intencionalmente pecar contra ele.

Aqui, então, há mais um teste para determinar quem são **os filhos de Deus e** quem são **os filhos do diabo** (10). **Os filhos de Deus** não pecam, enquanto **os filhos do diabo** continuam a pecar. Eles são grupos opostos no sentido de que um é possuído pelo Espírito de Cristo e o outro pelo espírito do anticristo; eles são paralelos no sentido de que cada "criatura dotada com vontade própria pode escolher seu próprio pai no mundo moral".[6] Nesse versículo 10, "não se faz mais referência à base regenerada da natureza que é o princípio de todo desenvolvimento religioso, mas à posição ética que o regenerado adquiriu, sempre de acordo com esse princípio divino".[7]

Mas um teste de validade de alguém ser filho de Deus é que ele precisa amar o seu irmão. Essa é a melhor ilustração da prática da **justiça** — uma expressão favorita na epístola — porque pode ser observada. **Irmão** aqui se refere ao irmão cristão, representativo de todos os cristãos, em vez de todos os homens. Requer-se um amor mútuo — **que nos amemos uns aos outros** (11). Mas "o amor mútuo entre os cristãos e o mundo é, de acordo com o versículo 13, impossível, visto que o mundo vai nos odiar".[8] Caim, que **matou a seu irmão** (12), é uma antítese perfeita daquele que ama a seu irmão. A menção da história de Caim aqui é tanto mais significativa porque a causa da desavença era uma discordância religiosa. "A ação violenta era somente a última expressão dessa antipatia que a justiça sempre acusa naquele que faz do mal o princípio orientador da sua vida".[9]

E. Amor e Ódio, 3.13-17

João tem ressaltado o caráter oposto entre o amor e o ódio. É natural — mesmo que nem sempre manifesto — para o cristão amar os outros. Também é natural para as

pessoas do mundo odiarem o cristão. Talvez esperássemos que João tivesse ressaltado o amor do cristão pelo mundo pecador (Jo 3.16) em resposta ao ódio que o mundo tem pelo cristão. E visto que ele não o fez, poder-se-ia concluir que o amor ao mundo (da humanidade) não é ordenado ao cristão. Mas esse argumento do silêncio não tem força. O assunto de João é a evidência do caráter cristão em vez da preocupação evangelística que a Igreja deveria manifestar. O amor pelo **irmão** (14) é um argumento melhor do que o amor pelo mundo pecaminoso, porque se alguém não consegue amar "os filhos de Deus", como se poderia esperar que amasse os "filhos do diabo"?

O amor aos **irmãos**, então, torna-se um critério para julgar se alguém se converteu do pecado. "Vida e amor são dois aspectos do mesmo fato no mundo moral, como é o caso da vida e crescimento no mundo físico: um aspecto indica o estado, o outro a atividade".[10] Mas aquele que não tem amor não tem vida — ele **permanece na morte**. Mais do que isso, ele é um **homicida** (15), como Caim. Essa é uma linguagem forte, mas segue o que Jesus disse em Mateus 5.28. A motivação sempre é mais importante do que o ato manifesto. E aquele que tem o propósito assassino em seu coração não pode ao mesmo tempo ter vida eterna.

O exemplo máximo de amor é encontrado obviamente em Jesus. **Conhecemos a caridade nisto** (16). A verão King James traz: "Conhecemos a caridade *de Deus* nisso". O termo *de Deus* não se encontra no texto grego. O texto diz: "Nisso conhecemos o amor" — amor na sua essência, amor como expressão máxima. O amor que não está disposto a dar tudo, incluindo vida e posses, não é o verdadeiro amor. O amor genuíno compartilha os **bens** deste **mundo** (17; "recursos materiais suficientes para viver", NEB). Esse amor ama o irmão como a si mesmo; e vai um passo adiante, amando o irmão mais do que a si mesmo — **e nós devemos dar a vida pelos irmãos** (16). "João rejeita a mera conversa acerca do amor e exige obras genuínas de amor como evidência de vida espiritual".[11] Essa é a essência da lei de Deus — o novo mandamento que somos admoestados a guardar. Os versículos 14*b*-15 têm sido traduzidos da seguinte maneira: "A pessoa sem amor pelo seu irmão já está vivendo na morte. A pessoa que efetivamente odeia seu irmão é um assassino em potencial, e vocês sabem que a vida eterna de Deus não pode estar no coração de um assassino" (Phillips).

Não podemos deixar de observar o relacionamento entre amor e sofrimento que é tão evidente na morte de Cristo. Anteriormente (1.5) João disse que "Deus é luz" — Ele está revelando. Agora ele está gradualmente conduzindo a conversa até dizer que "Deus é caridade" (4.8) — Ele está curando. Encontramos um grande valor terapêutico no sofrimento, especialmente em aceitar o sofrimento vicário. O verdadeiro amor vai sofrer, vai se preocupar com a necessidade do outro, estará disposto a ir até a morte com ele — "A caridade é sofredora, é benigna" (1 Co 13.4). **Quem** [...] **lhe cerrar o seu coração** (17) ou "fechar-lhe o seu coração" (ARA).

F. O Amor Revelado em Ação, 3.18-24

Para aliviar o ímpeto das palavras cortantes e manter aberta a linha de comunicação com seus ouvintes, João novamente volta ao seu termo mais afetuoso: **Meus filhinhos** (18). Ele levantou algumas questões difíceis e expressou algumas proposições que,

se tomadas literalmente, poderiam causar embaraço e circunstâncias ainda mais conflitantes do que a situação em que se encontravam. Porventura deve o cristão dar sua vida pelos outros — ser semelhante a Cristo nesse aspecto — para demonstrar seu amor? Será que João quer dizer que sempre devemos ajudar um irmão cristão que está em necessidade, mesmo quando nós mesmos estamos padecendo necessidades? Porventura o cristão deveria comprar sapatos para os filhos de outra pessoa se os seus próprios filhos andam com os pés descalços? Deveríamos dar livremente, sem avaliarmos quem é o "próximo"? Wesley respondeu a essas perguntas da seguinte forma: "Dê e empreste tanto (e não mais, porque Deus nunca se contradiz) quanto está em concordância com as obrigações com os seus credores, a sua família e os da família da fé".[12]

O dilema causado pelo conceito de morrer e dar é tantas vezes resolvido ao se buscar expressar verbalmente o amor, mesmo expressões de piedade pelos pobres e cartas de condolências pelas pessoas em necessidades. João sabia disso e advertiu contra isso. **Não amemos de palavra, nem de língua** (18). Ele quer dizer que não deveríamos amar **de palavra** como a única expressão do nosso amor, **mas por obra e em verdade**. Ele poderia ter dito: "Não ame de palavra" como a única expressão do amor. Ações sempre são necessárias, enquanto expressões verbais de amor podem ser dispensadas, contanto que se ame em verdade, "a realidade do amor interior".[13] A expressão **em verdade** é colocada em contraste com **de palavra**. O ato sempre deve vir acompanhado da verdade. "Não vamos colocar nosso amor em palavras ou em discurso, mas em ações, e torná-lo real" (Moffatt).

O dilema também pode trazer uma certa falta de confiança no cristão, no sentido de ele questionar se expressou o seu amor de maneira apropriada ou se o seu amor foi genuíno. Como alguém pode saber se ele é **da verdade**? (19). Como ele pode ser tranqüilizado em seu coração? De que maneira ele pode ser protegido da autocondenação? A resposta é encontrada no conhecimento pessoal do seu relacionamento com Deus. **Conhecemos** é uma das pedras fundamentais no testemunho de João do evangelho. A segurança de ser **da verdade** é uma marca do cristão.

A resposta dada por João se torna mais clara quando ligamos a primeira parte do versículo 20 ao versículo anterior: "Assim saberemos que somos da verdade; e tranqüilizaremos o nosso coração diante dele quando o nosso coração nos condenar. Porque Deus é maior do que o nosso coração e sabe todas as coisas" (NVI). Deus é maior no sentido de ternura e compreensão. "O pior que está em nós é conhecido por Deus [...] e mesmo assim Ele cuida de nós e deseja ter comunhão conosco", e "Ele 'observa tudo' — vê as coisas mais profundas e essas são as coisas reais. Esse é o verdadeiro teste de um homem: O que está mais ao fundo realmente é o melhor?".[14] A resposta a qualquer sentimento de condenação, quer seja real e merecido, quer um falso sentimento de culpa de uma confusão devido a certas circunstâncias, é encontrada em nosso próprio coração. O coração geralmente é comparado à nossa consciência (de acordo com a NEB).

Podemos parafrasear a declaração de João dessa maneira. Quando nosso coração nos condena podemos ser tranqüilizados de duas maneiras. Se a condenação é injustificada, Deus sabe e não nos condenará. Nem todo sentimento de culpa é resultado de desobediência à vontade de Deus. Às vezes é resultado de confusão, de medo ou certos tipos de perturbações mentais que provocam sentimentos de culpa. Será que João detectou sintomas de neuroses entre os "amados"? Quer o sentimento de culpa

seja conseqüência de pecado cometido, quer de perturbação mental, **Deus** [...] **conhece todas as coisas**. Ele conhece o intento mais profundo e sincero do coração e separará o real do imaginário.

Da mesma maneira, **se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus** (21). Aqueles que ensinam que alguém não pode ter uma consciência clara diante de Deus — que a afirmação de perdão consciente e de purificação é sinal de orgulho — não entenderam João corretamente. É possível ter uma consciência "isenta de ofensa" e um forte sentimento de filiação a Deus. É isso que João afirma. O perdão pode ser tão real quanto a culpa.

A confiança em Deus e a fidelidade na oração estão sempre intimamente ligadas. É por isso que João escreveu: **qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos** (22). Temos confiança **porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista**. Isso não significa que a vida cristã sempre será fácil. "O mandamento de Jesus é difícil, muito difícil, para aqueles que tentam opor-se a ele. Mas para aqueles que voluntariamente se submetem, o jugo é fácil e o fardo é leve".[15] As coisas que são agradáveis a Ele nem sempre podem ser agradáveis a nós. Amar "por obra e em verdade" é muito mais do que fazer um favor ocasional que vem à mão e é facilmente cumprido. É fazer aquilo que sabemos que Ele quer que façamos, mesmo quando sabemos que isso pode nos custar muito. Com esse tipo de confiança é que Bonhoeffer voltou à Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial para participar dos sofrimentos do seu povo e morreu como mártir em decorrência da sua fé. Esse tipo de obediência é uma parábola do próprio Deus que se tornou homem para levar os pecados da humanidade na cruz. É por isso que a obediência à vontade de Deus é a base da nossa segurança e o fundamento da oração de fé.

Amar "por obra e em verdade" (v. 18) é estar a serviço de Deus, dando um copo de água, fazendo a vontade de Deus, respondendo ao seu chamado. De várias maneiras, Deus pede para que todos os cristãos O sirvam, mas Ele chama alguns em particular para o ministério cristão. Tradicionalmente, esse chamado tem sido cumprido por meio de canais regulares da Igreja, por meio da pregação e ministério pastoral, pelo ministério missionário ou por outras atividades de tempo integral dentro dos parâmetros da Igreja organizada. Mas há um sentido mais universal da vocação cristã. É a resposta do nosso amor no dia-a-dia às necessidades de outros.

Essa expressão de amor obediente é, acima de tudo, a aceitação de que somos embaixadores de Cristo diante de qualquer circunstância. Nem sempre somos chamados para seguir um método de testemunho prescrito, mas somos chamados para manifestar a atitude e o comportamento de um representante do evangelho. Isso requer uma compreensão clara do que significa se tornar um homem ou uma mulher de Deus e uma abertura à orientação do Espírito Santo. Conseqüentemente, haverá uma resposta adequada do amor cristão, uma palavra apropriada, um ato de bondade e o representar Cristo no meio do mundo. É muito fácil acomodar-se por menos — trocando o difícil por aquilo que é agradável. É estranho como podemos às vezes equiparar a alegria cristã com o fazer apenas aquelas coisas que gostamos de fazer. Cristo nunca prometeu que o serviço cristão sempre seria agradável. Ele também não prometeu que seus seguidores seriam poupados de dor ou tribulação que fazem parte de uma vida normal nesta terra. Mas Ele disse que o homem que é motivado pelo amor não medirá

esforços para cumprir o que está à sua frente. A longevidade e as coisas materiais podem em si mesmas ser más a não ser que sirvam aos ditames do amor cristão.

A essa altura, nosso espírito está pronto para pregar. Permitamos que Cristo seja nosso Exemplo e nosso Modelo (Fp 2.5-8). 1) Ele "aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo" deliberadamente e por escolha. Ou, como Phillips traduziu: Ele "despiu-se de todos os privilégios ao consentir ser escravo por natureza". Então foi 2) "achado na forma de homem", quer na alegria ou na dor, quer no prazer ou na fadiga, quer entre amigos ou entre inimigos, 3) Ele foi "obediente" — "vivendo uma vida de completa obediência" (Phillips) — à vontade de Deus, mesmo que isso o levasse à morte na cruz. Esse é o preço do discipulado".

Qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos. Esse versículo (bem como João 14.14: "Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei") é muitas vezes citado como que dando a impressão de que orações devem ser verbalizadas de tal maneira que garantam a sua resposta. A oração que emana da obediência a Cristo, que não conhece volta, não precisa que sua resposta seja garantida. Esse versículo não significa que tudo que pedirmos será automaticamente dado. **Qualquer coisa** refere-se ao que João está discutindo — as coisas concernentes ao nosso relacionamento com Deus. O apóstolo está mostrando como um homem pode viver na certeza de que a graça de Deus, embora seja uma "graça preciosa", será abundantemente suprida. A oração ou petição mais eficaz é feita por meio de uma vida de obediência voluntária.

Os versículos 23-24 ressaltam o que João disse anteriormente. O mandamento é que **creiamos no nome de** [...] **Jesus Cristo** (23). Isso é teologia, mas é muito mais do que isso. É um dogma que se tornou vivo; é crer tanto a ponto de apostar a vida nesse nome — o caráter — de Cristo. O mandamento é amar **uns aos outros, segundo o seu mandamento**, de acordo com o seu próprio exemplo de amor até a morte. O mandamento não é de uma autoridade exterior, mas de uma participação pessoal — não de um general que comanda seus soldados a atacar, mas de alguém que vai à frente da batalha.

Em 2.28, João exortou seus leitores a permanecerem em Cristo. Acrescenta-se aqui a promessa de Cristo de permanecer no cristão. Além disso, o ministério do Espírito Santo é introduzido como um tema novo. Toda a passagem assemelha-se com partes do último discurso de Cristo a seus discípulos (João 14—17). Como naqueles capítulos, Deus e Cristo e o Espírito habitam no cristão. Isso não é uma teologia confusa, antes uma genuína experiência cristã e também uma das menções bíblicas mais claras da Trindade.

SEÇÃO IV

A FONTE DE FILIAÇÃO

1 João 4.1—5.12

A. VERDADE E ERRO, 4.1-6

"Um dos dons que de acordo com o apóstolo Paulo é dado à Igreja pelo verdadeiro Espírito é precisamente o dom de discernir os espíritos (1 Co 12.10)".[1] João coloca isso desta forma: **Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus** (1). Ele prossegue ao mostrar que a confissão de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado é a evidência de que o Espírito Santo de Deus está agindo através do homem. "Essa demonstração é transmitida de forma a contrastar o Espírito Santo, que testifica de Cristo e a favor de Cristo, com o espírito do mundo e do Anticristo, que não somente se opõe a esse testemunho, mas espalha a mentira que lhe é oposta".[2]

Existem muitos espíritos no mundo, tanto bons como maus, e precisa-se encontrar algum critério para julgá-los. Há o **Espírito de Deus** (2) e o **espírito do anticristo** (3), cada um possuindo e manifestando-se por meio das pessoas. Mateus fala de "falsos cristos e falsos profetas" (Mt 24.24). João está se referindo, sem dúvida alguma, àqueles mencionados em 2.18-27, que são denominados de "muitos anticristos", que "saíram de nós, mas não eram de nós". "Aquele que nega que Jesus é o Cristo" é "mentiroso" e também "nega o Pai e o Filho".

Há um poder diabólico e sobrenatural, bem como um poder justo e sobrenatural, operando no mundo e na vida das pessoas. Também há falsos profetas que transformam em mau o que é bom. Alguns podem ser encontrados na igreja — aqueles que substituem a vitalidade do Espírito de Cristo pela religião institucionalizada e aqueles que substitu-

em evangelho de Cristo pelo humanismo. Há também aqueles no mundo que trocam o amor de Deus pelo amor ao poder, "salvadores políticos que encarnam o demonismo que claramente participam do mal".[3] "A variedade e a popularidade dos falsos profetas contemporâneos não deveria nos surpreender; continua sendo verdade que 'o mundo os ouve' (v. 5). Em cada geração, a mentira luta contra a verdade, o mal contra o bem, os falsos profetas contra os verdadeiros profetas, o espírito do Anticristo contra Cristo".[4]

O verdadeiro profeta **confessa que Jesus Cristo veio em carne** (2). **Jesus** refere-se à sua natureza humana e **Cristo** à sua natureza divina e, assim, os dois juntos tornam-se a expressão da Encarnação. **Veio em carne** não deve ser interpretado como "veio para dentro da carne". Cristo não desceu [...] em um homem já existente, mas veio em natureza humana; Ele 'tornou-se carne' "[5]. João está dizendo que a Encarnação não é somente o foco central do evangelho mas também reúne em seu significado mais amplo as outras grandes verdades doutrinárias tais como o nascimento virginal, a crucificação e a ressurreição. A Encarnação é o credo essencial do cristianismo; com base nessa doutrina, tudo que se chama cristão permanece em pé ou cai.

Em um certo sentido, então, estamos dizendo que a Encarnação é um credo, mas muito mais do que um credo. Ela é uma formulação de fé, mas também é um fato histórico, o de que **Cristo veio em carne**. A religião cristã é fundamentada em um evento histórico, no ato culminante de Deus na redenção. Deus tornou-se homem. Sua relação com o homem é, portanto, ativa e dinâmica. Reconhecer a Encarnação é entrar nessa atividade de Deus, envolver-se naquilo que Deus tem feito e está fazendo, ser um coparticipante e, assim, uma testemunha viva da doutrina cristã da salvação. O perdão é mais do que uma libertação legal da culpa; é tomar parte de uma nova vida em Cristo, ou seja, participar ativamente no Reino de Deus na terra.

Em contraste com os falsos profetas, João diz: **sois de Deus** (4), e: **Nós somos de Deus** (6). O **mundo** (5) dá ouvidos aos falsos profetas mas não ouve o ensino de João. Todavia, Deus ouve e confirma sua verdade: **Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro** (6). **O espírito da verdade** é o Espírito de Deus.

O cristão participa na Encarnação pelo habitar do Espírito. Esse é o "permanecer" tratado no capítulo 3 e também no versículo 13 do capítulo em análise. Ele é o "consolador", "o Espírito da verdade", que Jesus prometeu aos seus discípulos, dizendo: "[Ele] habita convosco e estará em vós" (Jo 14.17). Dessa forma, João constrói um caso sólido por meio do qual o cristão pode estar seguro do seu relacionamento com Deus e pode distinguir entre a verdade e o erro.

Encontramos aqui uma bela flexibilidade dentro da rigidez. A doutrina cristã é tão inflexível quanto a própria verdade; ao mesmo tempo, de acordo com João, ela requer concordância em um único ponto inclusivo — a Encarnação. Temos coragem em segui-lo nisso? Ele estabeleceu um único critério, enquanto a Igreja tem multiplicado seus dogmas, que têm provocado divisões em vez de unidade. Um retorno à Encarnação como a verdade central e essencial, tanto em credo quanto em experiência, levaria a Igreja de volta ao evangelho e à sua simplicidade dinâmica. Pense o que iria acontecer se esse grande princípio de amor fosse colocado em prática no mundo dos homens e nações! Os resultados são garantidos, **porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo** (4). João ressalta aquilo que era fundamental na doutrina e essencial na experiência para se alcançar o conteúdo espiritual.

B. O Amor é de Deus, 4.7-12

Os versículos 1-6 são uma ampliação da primeira parte do texto encontrado em 3.23: "que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo". A segunda parte do texto: "e nos amemos uns aos outros" é desenvolvida nessa seção.

Um dos resultados do dom do Espírito é o amor fraternal. Em 2.7-11, esse tema é discutido como o resultado de caminhar na luz. Em 3.10-18, ele é tratado como uma marca particular do cristão. Na passagem atual, "ele aparece como um dom do Espírito de Deus, um contraste ao espírito anticristão, e, acima de tudo, como uma emanação do próprio Ser de Deus".[6] Isso pode ser chamado de base tríplice do amor perfeito.

Amemo-nos uns aos outros (7) é mais do que uma exortação. Ela flui naturalmente da afirmação de que **a caridade** (amor) **é de Deus**. Esse amor não depende da qualidade dos seus objetos. Se um homem tem comunhão com Deus, é nascido de Deus e caminha na luz, invariavelmente amará os outros porque **a caridade é de Deus**.

Embora João provavelmente esteja se referindo ao amor pela comunidade cristã, o amor pelas pessoas em geral não pode ser excluído. O amor, então, torna-se um teste do nosso relacionamento com Deus. O apóstolo não diz que todo aquele que é nascido de Deus manifesta amor, mas que **qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus**. Com isso, "ele certamente não quer dizer que em cada pessoa que sente uma onda repentina de amor emotivo — homem por mulher, mãe por filho — haja um sinal do amor divino, indicando uma vida dada por Deus. Pode haver alguns elos entre as formas mais elementares de amor [...] e o amor divino, mas não é o que o nosso autor está procurando transmitir".[7] Uma distinção deve ser observada entre o que chamamos de amor natural e amor cristão, embora a diferença nem sempre possa ser prontamente discernida. Conheci um homem, um incrédulo confesso, que demonstrou ao longo dos anos um amor e devoção à sua esposa doente e inválida que eu nunca vi ser superados no meio cristão. A única resposta para o dilema que essa observação levanta é que esse amor não foi manifesto em nenhuma outra área da sua vida. Talvez essa seja a distinção que procuramos.

É mais fácil entender a expressão **Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é caridade** (8). A expressão **Deus é caridade** se equipara com a expressão anterior de João: "Deus é luz" (1.5). Essa afirmação "não expressa uma qualidade que Ele possui, mas uma que envolve tudo que Ele é".[8] Isso não é o mesmo que dizer "amor é Deus". De acordo com João, expressões de amor das pessoas em geral são inferiores ao amor cristão se não estiverem fundamentados na revelação de Deus em Jesus Cristo. "Se tomarmos as duas definições [Deus é luz e Deus é caridade] juntas, chegaremos à conclusão de que nenhuma ação de Deus é concebível que não tenha como alvo a demonstração de amor".[9] Esse autor continua: "Se, então, luz e amor são tão inseparáveis [na] natureza divina quanto forma e matéria [em] qualquer coisa material, segue-se que todo aquele que é nascido de Deus deve ser participante dessa luz e desse amor".[10]

João afirmou diversas vezes que o relacionamento com Deus é um relacionamento de conhecimento (2.4, 13,14; 3.6; 4.7). Em sua afirmação **Deus é caridade**, ele fala de um verdadeiro conhecimento de Deus, da própria natureza de Deus e não de um conhecimento *acerca* de Deus. Essa natureza foi manifestada em Jesus Cristo. Ela se manifesta especialmente **para conosco** (9; os crentes) porque nós a recebemos. Onde não há recepção não há revelação. Aqueles que andam na luz são capacitados a saber que **Deus é caridade**.

O versículo 9 nos mostra que o amor de Deus em Cristo tinha um objetivo. Cristo era o seu instrumento enquanto o homem era seu objeto de contato no mundo. "Deus amou de tal maneira" que **enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos**. Em Cristo, vemos o amor de Deus. Por meio de Cristo experimentamos esse amor. "Somente quando o Cristo por nós é realmente o Cristo em nós, exaurimos o significado de [Deus é caridade]".[11]

O amor de Deus pelo homem não é uma reação ao nosso amor. A resposta é nossa. Nosso amor depende do seu amor e é o resultado desse amor. Em Cristo, Deus amou a estranha criatura pecaminosa chamada homem e reconciliou-se com ele. (Veja comentário em 2.2). Na Encarnação, Deus não se tornou favoravelmente inclinado ao homem. Isso podia ser alcançado por meios muito mais fáceis e é amplamente demonstrado no Antigo Testamento. Mas ao tornar-se homem, Deus reconciliou o homem consigo mesmo — Ele fez o que o homem não podia fazer.

No versículo 11, pela segunda vez nesse capítulo, João usa o termo afável **Amados** (*agapetoi*). Esse termo atrai uma atenção devota e traz no seu âmago a força de uma súplica. **Se Deus assim nos amou** — e Ele o fez — **também nós devemos amar uns aos outros**. O amor de Deus não serve somente como exemplo adequado, mas também como uma causa estimulante. Nosso amor deveria fluir naturalmente do amor de Deus que experimentamos.

Ninguém jamais viu a Deus (12). Isso parece, num primeiro momento, ser uma intrusão na seqüência de idéias. O autor está provavelmente advertindo seus leitores a não tentarem conhecer a Deus de nenhuma outra forma exceto da forma que ele está descrevendo. Muitas pessoas têm procurado encontrar a Deus e muitos têm afirmado conhecer a Deus de uma perspectiva mais clara do que na Igreja cristã. João está dizendo que todas essas tentativas falharam. Podemos aprender algumas coisas a respeito de Deus por intermédio da pesquisa, mas o Pai não pode realmente ser conhecido exceto por intermédio da sua auto-revelação como amor em Jesus Cristo.

A vitalidade do nosso relacionamento com Deus é demonstrada no amor fraternal, porque o amor somente pode vir de Deus. "Que verdade maravilhosa saber que o amor de Deus estará *em* nós e se tornará nosso amor pelos outros".[12] Por meio do nosso amor uns pelos outros, sabemos que Deus por meio do seu Espírito **está em nós**. E pelo exercício desse amor, **em nós é perfeita a sua caridade** (12). Não é o amor de Deus por nós que é aperfeiçoado. "Tudo que é completo em sua espécie é perfeito".[13] Em vez disso, "Quando o amor de Deus por nós passa a estar em nós, isso é semelhante ao efeito que a magnetita dá à agulha, inclinando-a em direção ao pólo".[14] O significado dessa última cláusula do versículo 12 é que nosso amor pelos irmãos se manifesta de forma mais completa.

C. Deus é Amor, 4.13-21

Os quatro primeiros versículos dessa seção são uma recapitulação do que veio antes. O versículo 13 resume os versículos 1-12 e é semelhante a 3.24. Os versículos 14-16 resumem os versículos 1-6 e 7-12. Nesses versículos (13-16), o autor reafirma as bases da segurança cristã. A primeira é o dom do **seu Espírito** (13). Aqui está a Presença divina que Jesus disse que pediria ao Pai para enviá-la aos seus seguidores (Jo

14.16). Essa presença do Espírito Santo é um testemunho subjetivo profundamente satisfatório de que pertencemos a Deus. João então mostra "seu cumprimento no testemunho exterior de Cristo como Salvador":[15] **vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo** (14). Isso se refere à afirmação anterior de que a Encarnação é o principal dogma cristão. Dessa forma, nossa segurança tem um caráter tanto subjetivo quanto objetivo.

No versículo 16 o autor reverte a ordem — colocando a evidência objetiva em primeiro lugar — quando diz que **nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem** ("por nós) e que foi aperfeiçoado em nós. João diz: "Nós conhecemos, ficou claro para nós, que o amor divino habita em nós; e, depois de saber isso, também o compreendemos pela fé".[16] O conteúdo da confissão cristã "é nada mais do que o amor de Deus, manifestado na vida encarnada e na morte de Jesus".[17] A essência do conhecimento de Deus por meio da experiência pessoal é a posse interior do amor de Deus. **Quem está em caridade está em Deus, e Deus, nele** (16). O habitar do Espírito Santo (v. 13, cf 3.24) é também o habitar do amor, que resulta no amor fraternal (v. 11). "O homem natural não consegue crer nem amar. No seu estado caído e não remido, ele é cego e egoísta. Somente pela graça do Espírito Santo, que é o Espírito da verdade e cujo primeiro fruto é o amor (Gl 5.22) é que alguém pode crer em Cristo e amar os outros".[18] A verdadeira causa de todo nosso amor é o fato de que **Deus é caridade**.

Nos versículos 7-8, o conceito de que "Deus é amor" está associado ao conhecimento de Deus. No contexto atual, ele está associado com a natureza de Deus. **Caridade** (*ágape*, amor) denota essência e habita no cristão como resultado de uma experiência sobrenatural com Deus. Não devemos entender isso como algo que entra em nós para residir como uma entidade separada; também não é um dom que pode ser removido tão facilmente como foi dado. Em vez disso, esse amor é um tipo de fusão envolvendo a natureza de Deus e a natureza do ser humano, por meio de uma experiência viva.

Essa é a experiência do amor perfeito, a segunda obra da graça, que é o marco da tradição teológica de Wesley. Essa é a perfeição cristã, e João é um dos mais poderosos defensores nas Escrituras dessa experiência de união com Deus. Para o cristão, isso é viver no amor e viver em Deus, e Deus nele. Esse amor de Deus que habita em nós deve ser aperfeiçoado em nós. Não é o cristão, como pessoa, separado de Deus que é tornado perfeito mas, sim, o amor de Deus nele.

Visto que Deus é perfeito e o amor é a sua natureza, em que sentido deve o seu amor se tornar perfeito em nós? A resposta deve ser entendida em relação ao propósito para o qual esse amor foi dado. Deus não derrama seu amor em nós para ser consumido por nós. O amor voltado para si mesmo é autodestrutivo. Deus nos ama para que possamos amar os outros. Seu amor em nós é aperfeiçoado quando se torna amor fraternal (2.5; 4.12). Poucas vezes o apóstolo fala do nosso amor por Deus e quando o faz, isso ocorre de maneira indireta (4.10, 19,20). Para João, os três aspectos do amor são os seguintes: 1) Deus nos ama; 2) seu amor habita em nós 3) e amamos os irmãos.

Essa experiência do amor perfeito nos dá confiança para o **Dia do Juízo** (17). Nesse sentido, somos semelhantes a Cristo, **porque, qual ele é, somos nós também neste mundo**. Quer seja o julgamento final, quer o julgamento do dia-a-dia que enfrentamos aqui, a pessoa que é motivada pelo amor não teme esse julgamento: **Na caridade, não há temor; antes, a perfeita caridade lança fora o temor** (18). Esse amor que lança

fora o temor pode ser melhor entendido na crucificação de Cristo. "Comunhão com Deus é o habitar perfeito do amor divino em nós. Isso nos torna semelhantes a Cristo. De acordo com essa conformidade com Ele seremos finalmente julgados; e se a temos, também temos a confiança no último dia".[19]

Falando acerca desse ponto, Bengel diz: "A condição do ser humano é variada: sem medo e sem amor; com medo mas sem amor; com medo e com amor; sem medo mas com amor".[20] O medo traz consigo a expectativa da retaliação, a certeza do julgamento. "Podemos amar e reverenciar a Deus simultaneamente (cf. Hb 5.7), mas não podemos nos aproximar dele em amor e ocultar-nos dele com medo ao mesmo tempo".[21] "A presença de medo é um sinal de que o amor não está aperfeiçoado",[22] mas **a perfeita caridade lança fora o temor**. O temor abre espaço para a confiança e segurança quando, e somente quando, o amor é perfeito (*teleia*), quando "penetra e preenche toda a vida e ser do homem".[23]

Nós o amamos porque ele nos amou primeiro (19) resume o que foi iniciado no versículo 8. **O** não é encontrado no texto grego e deveria ser lido: **Nós amamos**. Isso não exclui o amor por Deus, mas amplia o conceito para incluir o amor pelos outros. O verbo **amamos** (*agapomen*) pode estar no indicativo (amamos) ou no subjuntivo exortativo ("amemos", como no versículo 7). As melhores traduções favorecem o indicativo. "O pensamento é que o impressionante amor de Deus em Cristo é a inspiração de todo amor que 'circula' em nosso coração. Ele desperta em nós um amor responsivo — um amor agradecido por Ele, que se manifesta no amor pelos nossos irmãos".[24] Além do mais, "nosso amor deve sua origem ao amor de Deus, do qual é uma emanação".[25]

Voltando-se agora para a forma de pergunta que ele usou no primeiro capítulo, João novamente elabora um teste de amor. **Quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?** (20). O apóstolo não tem a intenção de rebaixar o nosso amor pelo irmão em comparação com nosso amor por Deus. Em vez disso, ele está dizendo que nosso amor por Deus encontra seu teste de validade em nosso amor pelos outros. Talvez é por isso que, até esse ponto, João não mencionou diretamente nosso amor por Deus. Esse amor é inexistente se não for acompanhado pelo amor fraternal. "Minhas obras de caridade ao meu próximo devem, de fato, brotar do amor a Deus; mas não há forma de provar o nosso amor por Ele através de atos ou de modo invisível, sem esse elemento mediador".[26]

Isso ocorre porque Deus mandou **que quem ama a Deus, ame também seu irmão** (21). O versículo 21 pode ser uma referência ao resumo da lei mosaica em amar a Deus de todo o coração e o próximo como a si mesmo (cf. Lv 19.18; Dt 6.5; Lc 10.27). João entende esse mandamento como o mandamento do amor (veja comentários em 2.7-8). O amor, fazendo parte da própria natureza de Deus, contém sua própria motivação para sua auto-expressão em outros. É da natureza do amor expressar-se a si mesmo. No entanto, visto que o ser humano continua humano e falível, a ordem de amar os irmãos em palavra e obra deve ser continuamente colocada diante dele.

O amor de Deus aperfeiçoado em nosso coração e vida deve encontrar sua expressão em nosso amor por outros, "primeiramente, porque é somente ao amar nosso irmão que vemos [...] para que possamos exercitar o amor com o qual Deus nos amou primeiro [...] em segundo lugar, porque em amar nosso irmão, estamos obedecendo ao mandamento daquele que professamos amar [...] em terceiro lugar, porque em amar nosso irmão, amamos aquele que é gerado por Deus".[27]

Por trás do pensamento de João, a essa altura, encontra-se a forma de um homem, o Deus-homem, nosso Irmão mais velho, que é o objeto principal do amor de todos que são nascidos de Deus. O apóstolo pode ter pensado: Se não amamos a Cristo, que vimos e ouvimos e tocamos (1.1-3), como podemos amar a Deus, que pode ser visto somente em Cristo? Ele não menciona o nosso amor por Cristo, que é o foco do amor de Deus pelo ser humano. Mas, certamente, João diria que nosso amor por Deus e pelo ser humano pressupõe nosso amor por Cristo. "De muitas formas, podemos ser muito imperfeitos, mas se amamos a Deus [e o ser humano] com toda a capacidade que possuímos, somos perfeitos de acordo com as Escrituras".[28] Thomas Cook diz: "A única perfeição possível na terra é a perfeição do amor, do motivo e da intenção".[29]

D. A Fé é a Vitória, 5.1-5

Na frase **Todo aquele que crê** (1), o sujeito do verbo é *pas*, "todos" ou "cada um". Esse termo é muito mais forte do que se o autor tivesse meramente dito "ele". O verbo é *pisteuon*, "crer". Nas passagens anteriores em que testes similares são empregados (4.2, 15), o verbo é "confessar" (*homologei*). Esse termo era usado como uma expressão verbal de fé para dar evidência exterior de que as pessoas eram verdadeiramente cristãs. Nesse capítulo atual, é o testemunho interior da filiação divina que está sendo questionado e, dessa forma, é usado o verbo para crer. Uma mera compreensão e declaração verbal da verdade não incluem tudo que está envolvido em ser um participante da vida de Deus em Cristo. Aquilo que é exterior deve tornar-se interior. Com a boca o homem confessa, mas com o coração ele crê.

No entanto, esses dois conceitos não deveriam ser colocados em contraste. "Ao confessar, o crente toma posição, compromete sua vida, declara ser verdade o que crê, afirma sua lealdade completa e contesta toda afirmação falsa contra sua vida. A confissão de fé é o selo da fé e a coragem da fé".[30]

Esse tipo de confissão, que João requeria da parte dos cristãos, era necessário por causa dos enganos gnósticos com os quais se defrontavam. A Igreja foi forçada a tomar partido em assuntos-chave, e era importante que suas crenças fossem colocadas em termos compreensíveis. Há evidências desses primeiros credos no Novo Testamento, que resultaram não só da defesa contra heresias, mas também da necessidade de pregação e ensino.[31] Esse era um crescimento natural dentro da Igreja porque a adoração requer algumas formas para a expressão da fé. "O que não pode ser analisado com cuidado e de forma crítica e expresso com uma clareza razoável não pode requerer a lealdade completa de uma pessoa. A compreensão é necessária para que haja um compromisso completo da pessoa. Conseqüentemente, a fé deve ser falada e tornada inteligível".[32]

Todas as formulações do credo do Novo Testamento são cristológicas porque a Igreja procurou entender e expressar corretamente sua fé em Cristo. Essas declarações desenvolveram-se desde o simples "Nós cremos" no segundo e terceiro séculos até a necessidade de declarações confessionais necessárias para a salvação no sexto século. Aqui está refletida a tendência da Igreja de mover-se da simplicidade para a complexidade e da liberdade para a conformidade — da fé em Cristo como Filho de Deus para a aceitação de formas dogmáticas estabelecidas como a base de ortodoxia. Existe uma tendência de

mudar da confissão baseada na fé interior para uma confissão de aceitação mental, em que não se requer uma persuasão interior. Vemos aqui a tendência humana de desviar-se da substância para a forma, daquilo que é principal para o que é secundário. Isso pode ser encontrado em quaisquer posições intelectuais expressas — com referência a milagres, modos de inspiração divina, interpretação das Escrituras, observâncias de ritos e rituais, diferentes maneiras de forma e conduta — em vez de expressões genuínas de fé, como normativas para a fé e salvação.

João certamente procuraria nos demover de um processo que tende a cortar a força da verdadeira fé cristã. Ele coloca seu dedo no ponto nevrálgico do coração do evangelho. Ele pede apenas por uma fé interior e pessoal em Cristo como o Filho de Deus, testemunhado diante do mundo — o amor de Deus no coração operando em um mundo em necessidade.

Essa é uma lição acerca de valores, colocando as coisas em sua ordem apropriada e colocando as ênfases onde precisam ser colocadas. Aqui também temos uma lição acerca da liberdade. Nada é tão livre e desimpedido quanto a fé pessoal e o amor. "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres" (Jo 8.36). Nenhuma pessoa é livre a não ser que esteja livre para crer e amar.

Crer que **Jesus é o Cristo** (1) na linguagem de João é ser **nascido de Deus**. É amar a Deus e, portanto, amar os outros. Amar a Deus significa guardar os mandamentos (2.4-8) e essa é a evidência de que amamos os filhos de Deus (3.23). Nosso amor por Deus pode ser reconhecido somente à medida que o manifestamos na vida dos irmãos (3.16). Resumindo: **Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados** (penosos; v. 3). Isso não significa que as leis de Deus são de pouca importância moral. Elas não são pesadas para o cristão porque "toda a dificuldade encontra-se simplesmente na relação entre a coisa envolvida e o poder da pessoa envolvida".[33] Aquele que está unido com Cristo percebe que seu jugo é suave e seu fardo é leve.

Para João, **o mundo** (4; cf. 2.15) é antagônico a Deus e, conseqüentemente, ao povo de Deus. Por isso precisa ser combatido e derrotado. O cristão já é vitorioso sobre o mundo em virtude de ter crido em Cristo como o Filho de Deus. Pela mesma fé, mantida e confirmada, o mundo é vencido. Mas devemos lembrar que essa fé reúne na sua significância os conceitos de andar na luz, de ser perdoado, de permanecer em Cristo, de possuir o Espírito Santo e de amar a Deus.

Vencer o mundo significa ser vitorioso em nossa própria vida sobre tudo que torna o mundo o que é em sua oposição a Deus. Significa cumprir de forma bem-sucedida a ordem: "para que não pequeis" (2.1).

Mas essa fé também inclui o amor dos irmãos, e, dessa forma, a vitória é uma vitória de amor. O amor dos irmãos transborda e empenha-se em transformar em "filhos de Deus" aqueles que são "filhos do diabo" (3.10). O evangelismo que evangeliza é a **vitória** da mais alta qualidade sobre o mundo. Onde o amor é a arma, a salvação o projétil e a vida eterna o alvo, a vitória é a ressurreição em lugar da destruição e é uma vitória certa. A melhor maneira de destruir um inimigo é ganhá-lo para a nossa própria causa. Dessa maneira, Cristo "se manifestou: para desfazer as obras do diabo" (3.8). O relacionamento total do cristão com Cristo e com o mundo, que envolve a maior parte da epístola até esse ponto, é resumido no conceito da fé. Nas palavras de Paulo, essa é uma "fé que opera por caridade" (Gl 5.6).

E. A Vida Eterna, 5.6-12

A Primeira Epístola de João iniciou com uma declaração concernente a Cristo, a "Palavra da vida" (1.1). Seguiu-se a descrição do relacionamento interior do cristão com Deus e com os seus irmãos, e uma discussão posterior da evidência externa desse relacionamento em obras de amor a Deus e às pessoas. Esse é um relacionamento de amor baseado na fé em Cristo como Filho de Deus. É participar da "Palavra da vida" — "a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada" (1.2) por meio do Filho. É a comunhão (*koinonia*) da qual João falou anteriormente, para a qual ele procurou levar aqueles a quem escreveu e da qual ele e os outros apóstolos compartilhavam. "E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1.3).

Essa é "a *koinonia* do Espírito [3.24; 4.13]. É uma comunidade religiosa compartilhando por meio do Espírito Santo a vida sobrenatural de Cristo".[34] Ela compartilha a "vida comum" com um "propósito comum",[35] uma fé comum em Cristo com um amor pelos irmãos, os aspectos interiores e exteriores da vida cristã por meio do habitar do Espírito Santo. Teologicamente, isso pode ser chamado de cristologia do Espírito na vida da Igreja.

Uma das idéias mais proeminentes nos escritos de João é o ato de testificar (v. 6; *martyria*). O evangelho é um evangelho de testemunho.[36] No Apocalipse, João "testificou [*emartyresen*] da palavra de Deus, e do testemunho [*martyrian*] de Jesus Cristo" (Ap 1.2). A primeira epístola inicia com o testemunho do autor: "o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos" (1.3) e agora próximo do final, João apresenta o testemunho do próprio Deus — o testemunho de Deus a Cristo por meio do Espírito. É **o testemunho de Deus** (9) e **o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade** (6).

A seção em estudo tem um problema textual na última parte do versículo 7 e na primeira parte do versículo 8. Essas palavras são reconhecidas pelos estudiosos do NT como um comentário marginal que se infiltrou no texto em alguma tradução primitiva. Uma distinção entre o testemunho **no céu** (7) e **na terra** (8) como é encontrada na versão King James não faz sentido no pensamento de João. Os dois versículos, de acordo com o original, deveriam ser traduzidos da seguinte forma: **Porque três são os que testificam** [...] **o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num** ou "e os três são unânimes num só propósito" (ARA).

Há um Testemunho principal — o Espírito Santo. Ao longo dos séculos cristãos, o Espírito tem se manifestado em cada testemunho bem-sucedido da Igreja acerca de Jesus Cristo. A Igreja tem sofrido por causa do extremismo e do zelo religioso excessivo por um lado, em que a voz do Espírito era substituída pelos credos e, por outro lado, pelo extremo que "afirma que a voz interior do Espírito Santo tem precedência sobre a palavra "externa" das Escrituras ou as resoluções dos prelados".[37] Em algum lugar entre esses dois extremos, João coloca o testemunho do Espírito, firmemente fundamentado na verdade de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Essa verdade muitas vezes tende a tornar-se secundária devido à ênfase em um dos extremos.

Os dois outros testemunhos (**a água, e o sangue**) — o batismo e a crucificação de Cristo — estão subordinados ao Espírito no sentido de não conter sua própria autoridade. Houve muitos outros batismos e muitas crucificações, e mesmo o batismo e morte de Cristo passaram virtualmente despercebidos na história secular; mas a história da Igre-

ja inspirada pelo Espírito manteve esses dois grandes acontecimentos vivos e os tornou testemunhas da divindade de Jesus Cristo.

A água, e o sangue têm recebido muitas interpretações. Uma delas, já mencionada, que equipara esses dois elementos ao batismo e à crucificação de Cristo, é a mais sustentável. Uma outra interpretação sugere o batismo e a eucaristia, enquanto uma terceira sugere a água e o sangue que fluíram do lado onde Jesus foi perfurado na crucificação. Uma quarta interpretação entende que **a água, e o sangue** se referem à purificação e à redenção.[38]

Uma heresia gnóstica dos tempos de João dizia que Jesus era somente um homem "sobre quem o Cristo desceu no batismo e de quem o Cristo saiu antes da crucificação".[39] João buscou refutar esse ensinamento ao dizer que Cristo não veio apenas pela água, mas também por meio do sangue, e isso ele apresenta como testemunho da divindade do nosso Senhor. O ministério público de Cristo começou no seu batismo e foi concluído com sua crucificação. "A crucificação era a consumação da Encarnação. Não era um mero incidente na vida de um homem comum".[40] Phillips deixa o versículo 8 muito claro: "O testemunho, portanto, é triplo — o espírito em nosso próprio coração, os sinais da água do batismo e o sangue da propiciação — e todos dizem a mesma coisa".

Esse testemunho não deveria ser difícil de aceitar porque ele **é o testemunho de Deus** (9). Visto que somos tão inclinados a aceitar o que os outros nos contam como evidência, certamente aceitaremos esse testemunho do Espírito. Além do mais, o cristão tem o testemunho confirmador em seu coração, porque ele tornou-se participante da vida eterna de Deus. Aquele que não crê no testemunho de Deus acerca da divindade de Jesus **mentiroso o** (Deus) **fez** (10) e não pode ser considerado cristão. **Quem tem o Filho** — creu no testemunho descrito acima — **tem a vida** eterna (12). Aquele que não crê, **não tem a vida** e toda essa discussão não tem um significado real para ele.

Seção V

CONCLUSÃO

1 João 5.13-21

A. O Motivo de Confiança, 5.13-17

Em outra parte da epístola, João sugere diversas razões por tê-la escrito, mas, como no evangelho, ele deixa o propósito principal para o final. No seu evangelho, ele escreveu: "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31). Ele foi escrito para levar as pessoas a ter essa experiência da vida eterna. A epístola foi escrita para aqueles que crêem **no nome do Filho de Deus** (13). À luz dessa declaração, a última parte do versículo 13 — **para que creiais no nome do Filho de Deus** — provavelmente é um comentário marginal e não faz parte do texto original. Não parece razoável que João escrevesse aos crentes para que se tornassem crentes (veja as traduções da ARA e NVI). Seu propósito ao escrever essa epístola foi expresso de forma muito simples: **para que saibais que tendes a vida eterna**. O evangelho, então, foi escrito para que as pessoas pudessem ter vida e a epístola para que elas soubessem que possuem essa vida. As palavras-chave da epístola são *assegurar*, *confiança*, *saber* e *crer*, bem como *vida*, *amor* e *fé*.

No versículo 14, João escreve: **E esta é a confiança que temos nele**. Em três oportunidades, João falou de **confiança** (*parresia*): duas vezes em conexão com o Dia do Juízo (2.28; 4.17) e uma vez em conexão com oração (3.21). "Assim mais duas idéias-chave da epístola podem ser encontradas nessa recapitulação: ousadia para com Deus e amor fraternal; porque é o amor aos irmãos que nos leva a orar por eles".[1]

Essa **confiança** ou "ousadia" que vem do conhecimento de possuir a vida eterna resulta em uma confiança em relação à oração pelos irmãos. **Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. Alguma coisa** não se refere a todos os

pedidos que fazemos, independentemente de quão apropriados possam ser; esse termo se refere, primeiramente, a qualquer coisa referente à salvação de um **irmão** (16). Temos aqui a oração intercessora e insistente. Encontramos duas limitações nesse texto: primeiro, a oração deve ser **segundo a sua vontade**. Ela é uma "identificação ativa com a vontade divina, um elevar da nossa vontade ao nível do desejo de Deus, não um tentativa de persuadir Deus para satisfazer os nossos desejos".[2] Mas nem sempre é possível conhecer exatamente qual é a vontade de Deus. Nas palavras de Paulo: "não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26). Contudo, em geral sabemos que é da vontade de Deus que todos gozem da vida eterna e tornem-se filhos de Deus.

Em segundo lugar, nossas orações são limitadas por aqueles por quem oramos — os irmãos. Os versículos 15-17 provavelmente se referem basicamente a alguém que pecou inadvertidamente (2.1-2) e por alguma razão persiste nesse pecado. Esse alguém continua sendo chamado de **irmão** e significa alguém que pertence à comunidade de crentes mas, que ao mesmo tempo, vive na iniqüidade (v. 17).

João faz uma distinção entre tipos de pecados — alguns são **para morte** e outros não são. O pecado **para morte** não é um pecado em particular, mas um pecar habitual. "Devemos nos desfazer da idéia [...] de que 'pecado para morte' é um pecado que pode ser reconhecido por aqueles que estão próximos daquele que comete esse pecado [...] Ele sugere que alguns pecados podem ser conhecidos como não sendo pecados 'para morte': ele não diz nem sugere que todo 'pecado para morte' pode ser conhecido como tal".[3]

Cometer o **pecado** [...] **para morte** é pecar voluntariamente e se "alguém persiste em pecar, isso acabará levando-o a um afastamento definitivo da vida divina".[4] Há também um pecar que **não é para morte**. A diferença está na motivação da alma. Isso pode ser ilustrado por um homem em uma escada. Uma pessoa não pode determinar a sua verdadeira condição até que descubra se está indo para cima ou para baixo. Algumas pessoas em pecado estão lutando para sair enquanto que outras permitem afundar-se cada vez mais no pecado. Deus conhece a diferença, e somos assegurados de que Ele **dará a vida àqueles que não pecarem para morte** (16).

Alguns comentaristas têm usado essa passagem para ensinar o pecado imperdoável. Não há aqui nenhuma sugestão ou implicação de um pecado ou um hábito de pecar que Deus não vá perdoar. João diz que um homem pode se afastar de Deus e continuar se afastando até que não consiga mais ouvir a Deus; ele pode andar na escuridão até que esteja fora do alcance da luz. Mas o tópico principal do apóstolo aqui é a oração, a oração intercessora, um corolário próximo do amor fraternal.

Orar assim é orar com fé, pedindo qualquer coisa, tudo pelos irmãos, mas deixando os resultados à vontade de Deus, que sabe o que está acontecendo. E para que não se pense que a incerteza por parte da pessoa que está orando pareça lançar dúvida sobre o fato do pecado ou pareça tratá-lo levianamente, ele diz que **toda iniqüidade é pecado** (17). O pecado também "é iniqüidade" (3.4). É melhor que não saibamos o que está acontecendo no coração de um irmão; acabaríamos sendo severos demais ou moles demais com ele. Não cabe a nós conhecer e julgar. A nós cabe orar. Deus fará o restante.

A fórmula de João para a oração intercessora é ótima: 1) Ore pelos irmãos; 2) Ore em fé; 3) Ore sabendo que Deus ouve você; 4) Ore sabendo que Deus responderá de acordo com a vontade dele.

B. O Conhecimento Espiritual, 5.18-21

A idéia de confiança recebe o apoio da certeza do conhecimento apropriado. Esse tema da segurança do nosso conhecimento espiritual ocorre mais cedo, e no versículo 13 ele é expresso como o propósito principal da epístola. É o conhecimento de Deus (2.3), a posse da vida eterna (3.14) e de todas as coisas necessárias para a salvação (2.20); esse conhecimento vem da obediência a Deus (2.3), do amor pelos irmãos (3.14; 5.13) e é autenticado pela habitação do Espírito Santo (3.24). Esse conhecimento é mais do que uma intuição porque pode ser provado nas experiências da vida.

Agora no encerramento da epístola, o autor ressalta mais uma vez esses fatos do conhecimento cristão — fatos concernentes ao relacionamento do cristão com Satanás e com Jesus Cristo. "Nesses últimos versículos, observamos mais vez uma ênfase nos princípios fundamentais na qual a epístola se baseia: que nós, por meio da missão do Senhor Jesus Cristo, temos comunhão com Deus; essa comunhão nos protege do pecado e nos firma em uma oposição perfeita ao mundo".[5]

A declaração: **todo aquele que é nascido de Deus não peca** (18) é uma repetição de 3.9. A razão dessa vitória sobre o pecado é a seguinte: **o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca**. A mudança de uma letra no grego altera o significado e pode deixar uma impressão errada. Os melhores manuscritos trazem *auton* (o/ele) em vez de *eauton* (si mesmo), assim, a tradução deveria ser a seguinte: "aquele que nasceu de Deus o protege" (NVI) ou "Aquele que nasceu de Deus o guarda" (ARA). A mudança do perfeito do verbo **nascido** e **gerado** (*gegennemenos*) para o aoristo (*genetheis*) nos ajuda a encontrarmos a melhor tradução: "Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca" (ARA). É Cristo, o gerado (nascido) de Deus, que guarda o cristão. "Nossa segurança não reside no fato de nos segurarmos em Cristo, mas de Ele nos segurar".[6]

O segundo fato do qual temos conhecimento seguro é **que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno** (19). João usa o plural "somos", incluindo-se a si próprio junto com todos os outros cristãos. Todos os motivos de comunhão anteriormente expressos apóiam e confirmam o fato de **que somos de Deus**. Em forte contraste, o "mundo está debaixo do poder do maligno" (NASB). O conceito **mundo** aqui é mais inclusivo do que em 2.15; além do que significa ali, a palavra aqui inclui as pessoas que são controladas pelo sistema mundial maligno. "Fica claro, portanto, que a separação entre a Igreja e o mundo deve ser e tende a ser tão completa quanto a separação entre Deus e o maligno".[8]

A terceira declaração vai muito além das duas anteriores, que estão baseadas nela. Ela tem que ver com Jesus Cristo. **Sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento** (20). "Tanto a revelação quanto a redenção fazem parte da sua obra graciosa. Sem Ele jamais poderíamos conhecer a Deus nem vencer o pecado [...] A religião cristã é histórica e experimental".[9]

Ele **nos deu entendimento** — o poder para compreender, a capacidade para conhecer — **para conhecermos o que é verdadeiro**. Por meio de Cristo fomos capazes de reconhecer com "uma percepção contínua e progressiva"[10] as coisas que conhecemos. Possuímos aquilo a que fomos capacitados a receber e sabemos o que fomos capacitados a compreender por causa de Cristo.

Tudo que sabemos está resumido em: **conhecermos o que é verdadeiro**. Conhecemos a Deus por meio da experiência pessoal. Sabemos que Ele é real e **estamos** nele. Deus é o Pai de Jesus Cristo, em quem foi revelada a vida eterna. Temos vida eterna quando estamos em Deus, no Pai e no Filho, "que nos deu do seu Espírito" (4.13).

João conclui a epístola com seu termo favorito de afeição: **Filhinhos**. Sua exortação final parece quase fora de lugar pelo fato de não a ter mencionado anteriormente: **guardai-vos dos ídolos** (21). A advertência é sobre estar alerta contra aquilo que era um perigo presente. Em Éfeso, "cada estrada por onde seus leitores [de João] andavam e cada casa pagã que visitavam, fervilhavam literalmente de ídolos".[11]

Aqui está o último grande contraste de muitos encontrados nessa epístola, o contraste entre o Deus vivo e os deuses sem vida. Nesse contraste, culmina o propósito central do apóstolo, que procurou desenvolver fé no seu povo mesmo no meio de uma "geração incrédula e perversa" (Mt 17.17). O tamanho do seu sucesso é uma questão de história.

Mas, por meio dessa epístola, João continua falando a nós hoje, porque ele anuncia a Palavra viva de Deus. Seu êxito nessa tarefa depende de quão bem ouvimos e de quão bem, sob a orientação de Deus, tornamos a história atual. Amém!

Comentário Bíblico Beacon

10

Hebreus a Apocalipse

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

ISBN 85-263-0694-4



Referência / Comentário